

**Prática de Ensino Supervisionada em Ensino
De Educação Musical no Ensino Básico
A prática letiva a partir das experiências pessoais**

Igor Alberto Soeiro Careca

*Relatório final de estágio apresentado à Escola Superior de Educação de
Bragança para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação
Musical no Ensino Básico*

Orientado por:

Maria Isabel Ribeiro de Castro

Bragança

2023

“Se eu vi mais longe foi por estar sobre ombros de gigantes!”

(Newton, 1676)

Aos meus filhos, Lara, Iva e Leonardo

À minha esposa, Rosalina

Aos meus pais, Emília e Alberto

Agradecimento

Agradeço à minha esposa, pilar inabalável que sempre esteve ao meu lado, que me apoiou sempre que vacilei e sempre acreditou em mim.

Agradeço aos meus pais. A gênese do meu ser e exemplo que orgulhosamente sigo.

Aos meus professores. Aqueles que comigo partilharam ensinamentos, vivências e sorrisos!

Aos “Cotas do Mestrado”. De todas as probabilidades que existem no universo, uma singularidade permitiu que partilhasse este desafio com amigos genuínos... feliz de mim!

À minha professora cooperante, a minha professora Isabel Corredeira, pela paciência, partilha e exemplo.

Aos meus alunos! Meninos fantásticos que me fizeram crescer não só enquanto profissional, mas acima de tudo enquanto pessoa.

À minha professora orientadora, Isabel de Castro! Mais que orientadora, amiga e conselheira...

À instituição, que me permitiu perseguir o sonho, sem barreiras nem limitações.

Por último, mas não menos importante, agradeço ao professor Artur Xavier, pois quando um dia, sem interesses ou compromisso, me disse “O Igor daria um belo aluno no superior” cumpriu com a mais nobre e difícil missão de um professor... Inspirar! Obrigado por ter acreditado em mim naquele momento! Espero, um dia, também eu conseguir inspirar outros.

Resumo

O presente relatório insere-se no plano de estudos do *Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico* e está previsto no guia ECTS da Unidade Curricular *Prática de Ensino Supervisionada*, tal como enunciado nas *Normas Regulamentares dos Mestrados*.

Pretende-se, com ele, descrever a experiência profissional desenvolvida durante a prática de ensino supervisionada (PES), as metodologias utilizadas, bem como as estratégias que serviram de meio para alcançar os fins.

Com o objetivo de permitir a compreensão sobre a progressão e desenvolvimento da PES são explanados no presente documento reflexões pessoais sobre o processo de ensino e aprendizagem, os métodos utilizados na prática letiva, as metodologias e principais pedagogos que serviram de referência e, também, uma reflexão sobre o comportamento.

Ao longo deste documento encontramos uma visão muito pessoal, resultado da minha vivência escolar num espaço similar, enquanto aluno, durante a minha adolescência e juventude e como estagiário.

Não menos importante, é feita uma exposição sobre a profissão docente, a sua relação com o indivíduo e com a sociedade.

A sua leitura ambiciona, também, descrever as mudanças e transformações pessoais e coletivas que ocorreram durante a PES, e que basearam as conclusões relatadas neste relatório.

Palavras-chave

Prática de Ensino Supervisionada; Relação Ensino e Aprendizagem; Competências; Educação

Abstract

The present report is part of the curriculum of the Master's degree in Teaching Music Education in Primary Education and is outlined in the ECTS guide of the Supervised Teaching Practice course, as stated in the Regulatory Standards of the Master's programs.

Its purpose is to describe the professional experience gained during the supervised teaching practice (STP), the methodologies used, as well as the strategies employed to achieve the goals. In order to provide an understanding of the progression and development of the STP, personal reflections on the teaching and learning process, the methods used in teaching practice, the methodologies, and key pedagogues that served as a reference, as well as a reflection on behavior, are elucidated in this document.

Throughout this document, there is a very personal perspective, a result of my school experience in a similar environment, both as a student during my adolescence and youth and as an intern. Not less important is an exposition on the teaching profession, its relationship with the individual, and with society.

The reading also aims to describe the personal and collective changes and transformations that occurred during the STP, forming the basis for the conclusions reported in this document.

Keywords

Supervised Teaching Practice; Teaching and Learning Relationship; Competencies; Education

Índice geral

Agradecimento.....	vi
Resumo	viii
Palavras-chave	viii
Abstract.....	x
Keywords	x
Índice de figuras e tabelas	xiii
Introdução	14
Capítulo I	16
Ser professor de Educação Musical	16
A profissão docente, visão	18
De Homem a professor... ..	24
A profissão e a sociedade	28
Capítulo II	32
Caraterização do contexto educativo	32
A escola e as memórias: narrativo pessoal de um percurso.....	34
O espaço escolar	38
A comunidade escolar.....	42
Capítulo III	52
Desenvolvimento e avaliação da aprendizagem profissional	52
Do imaginário à realidade.....	54
Estratégias e métodos	58
Reflexão sobre o comportamento	64
Capítulo IV	68
Reflexão sobre as competências profissionais	68
Referências bibliográficas	72
Webgrafia	74

Anexos	76
Tabela 1: Planificações Anual das Aulas	76
Tabela 2: Conceitos, Conteúdos, Atividades e Recursos utilizados nas aulas	80

Índice de figuras e tabelas

Figura 1: representação da sala de aula vista de noroeste para sudeste	39
Figura 2: representação da sala de aula vista de norte para sul	40
Figura 3: representação da sala de aula vista de sudeste para noroeste	40
Figura 4: representação da sala de aula vista de sudoeste para nordeste	41
Tabela 1: Planificações Anual das Aulas	76
Tabela 2: Conceitos, Conteúdos, Atividades e Recursos utilizados nas aulas ...	80

Introdução

O presente relatório de estágio visa, na medida do possível, retratar aquela que foi a minha prática de ensino supervisionada, bem como, as conclusões, ensinamentos e crescimento profissional resultante da mesma.

A prática de ensino supervisionada desenvolveu-se em consonância com o previsto no *Regulamento para a Prática de Ensino Supervisionada (PES) Cursos de Mestrado que conferem habilitação profissional para a docência na Educação Pré-Escolar e no Ensino Básico*, e decorreu no período compreendido entre o dia 15 de outubro de 2021 e o dia 21 de junho de 2022 no Agrupamento de Escolas de Mogadouro.

Este relatório encontra-se dividido em 4 capítulos, sendo o primeiro intitulado de *Ser professor de Educação Musical* e divide-se em 3 subcapítulos, *A Profissão docente, visão; De Homem a Professor; A profissão e a sociedade*; neste, procurei definir, fundamentado em distintos autores e, também, na minha visão pessoal, o que é a profissão docente, quais os direitos e deveres do professor, a forma como a carreira se desenvolve, como se alcança essa profissão e de que forma é vista pela sociedade a profissão docente.

Por sua vez, o segundo capítulo intitula-se *Caraterização do contexto Educativo* e divide-se, também ele, em 3 subcapítulos, sendo eles, *A escola e as memórias: narrativo pessoal de um percurso; O espaço escolar; A comunidade escolar*; este é um capítulo muito pessoal e descritivo onde as memórias se cruzam com a vivência atual e experimentada durante a PES.

O terceiro capítulo tem o título *Desenvolvimento e avaliação da aprendizagem profissional*, uma vez mais, dividido em 3 subcapítulos, *Do imaginário à realidade; Estratégias e métodos; Reflexão sobre o comportamento*; neste encontramos o contraste vivenciado em sala de aula e a reflexão pessoal a que este levou. Estão também explanados os métodos e as estratégias utilizadas durante a PES, bem como uma reflexão sobre o comportamento dos alunos em sala de aula.

No quarto, e último capítulo é feita a reflexão sobre as competências profissionais adquiridas durante e após este período de prática de ensino.

A informação presente neste relatório, bem como as conclusões nele apresentadas são resultado da validação teórica assente em diversos autores e a minha experiência pessoal.

Capítulo I

Ser professor de Educação Musical

A profissão docente, visão

Professor, aquele que, segundo a Federação Nacional de Educação, nos seus estatutos para a carreira docente, artigo 2.º, define como “(...) aquele que é portador de qualificação profissional para o desempenho de funções de educação ou de ensino (...)”.

Profissional dotado de elevadas competências técnicas e pedagógicas a quem os supracitados estatutos conferem todo um conjunto de direitos e deveres para com a profissão e os alunos, tais como: direito de participação no processo educativo; direito de formação e informação para o exercício da função educativa; direito ao apoio técnico, material e documental; direito à segurança na atividade profissional; direito à consideração e ao reconhecimento da sua autoridade por toda a comunidade educativa e restante sociedade; direito à colaboração da comunidade educativa no processo de educação dos alunos e direito à negociação coletiva nos termos legalmente estabelecidos.

Já no campo dos deveres, estes, têm deveres gerais, deveres para com os alunos, para com a escola e os outros docentes, e ainda, deveres para com os pais e encarregados de educação.

Deveres gerais: os professores estão obrigados ao cumprimento dos deveres estabelecidos para os funcionários e agentes da Administração Pública em geral; têm o dever de orientar o exercício das suas funções pelos princípios do rigor, isenção, justiça e equidade; orientar o exercício das suas funções por critérios de qualidade, procurando sempre o seu aperfeiçoamento e tendo como objetivo a excelência; dever de colaborar com todos os intervenientes no processo educativo, criar laços de cooperação e desenvolvimento de respeito e reconhecimento mútuo, em especial junto da comunidade educativa; dever de aperfeiçoar, ao longo da sua vida, os seus conhecimentos, capacidades e competências com vista ao aperfeiçoamento do seu desempenho; dever de participar de forma empenhada nas várias modalidades de formação que frequente e usar as competências adquiridas na sua prática profissional; dever de zelar pela qualidade e pelo enriquecimento dos recursos didático-pedagógicos utilizados, numa perspetiva de abertura à inovação; dever de refletir sobre a sua prática pedagógica e proceder à auto-avaliação; dever de conhecer, respeitar e cumprir as disposições normativas sobre educação, cooperar com a administração educativa na prossecução dos objetivos decorrentes da política educativa em virtude dos interesses dos alunos e da sociedade.

Deveres para com os alunos que agora especifico: dever de respeitar a dignidade pessoal e as diferenças culturais, promovendo e valorizando, junto dos alunos, essas diferenças, prevenindo assim processos de exclusão e discriminação; dever de estimular o desenvolvimento das capacidades dos alunos, a sua autonomia e criatividade; dever de promover o desenvolvimento do rendimento escolar dos alunos e a qualidade das aprendizagens, de acordo com os respetivos programas curriculares e atendendo à diversidade dos seus conhecimentos e aptidões; organizar e gerir o processo de ensino-aprendizagem, adotando estratégias de diferenciação pedagógica capazes de responder às necessidades individuais dos alunos; assegurar o cumprimento integral das atividades letivas correspondentes às exigências do currículo nacional, programas e orientações programáticas ou curriculares em vigor; dever de adequar os instrumentos de avaliação às exigências do currículo nacional, dos programas e das orientações programáticas ou curriculares, e, também, de adotar critérios de rigor, isenção e objetividade na sua correção e classificação; dever de manter a disciplina e exercer a autoridade pedagógica com rigor, equidade e isenção; dever de cooperar na promoção do bem-estar dos alunos, protegendo-os de situações de violência física ou psicológica, se necessário solicitando a intervenção de pessoas e entidades alheias à instituição escolar; dever de colaborar na prevenção e deteção de situações de risco social, se necessário participando-as às entidades competentes; ainda o dever de respeitar a natureza confidencial da informação relativa aos alunos e respetivas famílias, ou seja, de ser nutrido de questões éticas, morais e humanas.

Mais acrescento que existem ainda deveres para com a escola e os outros docentes, nomeadamente: dever de colaborar na organização da escola, cooperando com os órgãos de direção executiva e as estruturas de gestão pedagógica e com o restante pessoal docente e não docente tendo em vista o seu bom funcionamento; dever de cumprir os regulamentos, desenvolver e executar os projetos educativos e planos de atividades e observar as orientações dos órgãos de direção executiva e das estruturas de gestão pedagógica da escola; dever de corresponsabilizar-se pela preservação e uso adequado das instalações e equipamentos e propor medidas de melhoramento e remodelação; dever de promover o bom relacionamento e a cooperação entre todos os docentes, dando especial atenção aos que se encontram em início de carreira ou em formação ou que denotem dificuldades no seu exercício profissional; dever de partilhar com os outros docentes a informação, os recursos didáticos e os métodos pedagógicos, no sentido de difundir as boas práticas e de aconselhar aqueles que se encontrem no início de carreira

ou em formação ou que denotem dificuldades no seu exercício profissional; dever de refletir, nas várias estruturas pedagógicas, sobre o trabalho realizado individual e coletivamente, tendo em vista melhorar as práticas e contribuir para o sucesso educativo dos alunos; dever de cooperar com os outros docentes na avaliação do seu desempenho; dever de defender e promover o bem-estar de todos os docentes, protegendo-os de quaisquer situações de violência física ou psicológica, se necessário solicitando a intervenção de pessoas e entidades alheias à instituição escolar.

Por último, os deveres para com os pais e encarregados de educação, tais como: dever de respeitar a autoridade legal dos pais ou encarregados de educação e estabelecer com eles uma relação de diálogo e cooperação, no quadro da partilha da responsabilidade pela educação e formação integral dos alunos; dever de promover a participação ativa dos pais ou encarregados de educação na educação escolar dos alunos, no sentido de garantir a sua efetiva colaboração no processo de aprendizagem; dever de incentivar a participação dos pais ou encarregados de educação na atividade da escola, no sentido de criar condições para a integração bem sucedida de todos os alunos; dever de facultar regularmente aos pais ou encarregados de educação a informação sobre o desenvolvimento das aprendizagens e o percurso escolar dos filhos, bem como sobre quaisquer outros elementos relevantes para a sua educação; dever de participar na promoção de ações específicas de formação ou informação para os pais ou encarregados de educação que fomentem o seu envolvimento na escola com vista à prestação de um apoio adequado aos alunos.

Percebe-se, pela extensa enumeração de direitos e deveres que determinam as obrigações, funções e competências do professor, que se trata de uma profissão exigente, escrutinada e alvo de reflexão. Seja pela sua importância na modelação do pensamento, construção social ou na evolução da sociedade, a profissão docente reveste-se de uma enorme importância, veículo condutor de conhecimento e competências capazes de moldar e transformar o que nos rodeia, no presente e no futuro.

A profissão docente, em especial a sua carreira e o percurso da vida dos docentes, tem sido, ao longo de décadas, objeto de análise e reflexão sob várias perspetivas e contextos, sejam eles os aspetos individuais que influenciam e modificam a carreira de cada um, sejam as suas aprendizagens, interações ou as dinâmicas institucionais, a verdade é que, conforme afirma Nóvoa (2000), cada professor traça a sua trajetória e a sua carreira. Talvez porque, como afirma Gonçalves (2000), o percurso profissional é organizado por meio de três dimensões: a dimensão pessoal, onde se correlaciona o

desenvolvimento profissional e o desenvolvimento pessoal; a profissionalização, resultado da construção de conhecimento pedagógico e aquisição de ferramentas pedagógicas; e, por último, a socialização profissional vinculada à adaptação do professor no ambiente de trabalho.

Já Huberman (2000) analisou os percursos da vida profissional sob a perspectiva da carreira, identificando acontecimentos comuns não só com indivíduos diferentes que partilham a mesma profissão, como também as carreiras de pessoas com profissões diferentes, concluindo assim que existe um ciclo de vida dos professores e que este acontece em função de fatores como a idade, acontecimentos históricos e estágios profissionais. Segundo García (1995), as diferentes etapas da vida do professor são refletidas neste enquanto pessoa.

Huberman (2000) definiu cinco fases diferentes em função dos anos de carreira, são elas: entrada; estabilização, consolidação do repertório teórico; diversificação, ativo questionamento; serenidade, distanciamento afetivo, conservantismo; desinvestimento (sereno ou amargo).

Sistematizando:

- Entrada: Ocorre entre o primeiro e terceiro ano de carreira, é definida como a fase da sobrevivência, descoberta e exploração. Sobrevivência porque o professor se vê confrontado pela complexidade profissional, desenvolve preocupações consigo mesmo e os seus ideais desencontram-se com a realidade encontrada no contexto escolar. A descoberta vem da nova experiência e, a exploração, de todas as possibilidades que se lhe apresentam e que se traduzem em novas vivências;
- Estabilização, consolidação do repertório teórico: Fase que ocorre entre o quarto e sexto ano de carreira, caracteriza-se pela consolidação pedagógica, crescente sentimento de competência e segurança que acentua o grau de liberdade profissional. É também nesta fase que ocorre o comprometimento com a carreira docente;
- Diversificação, ativo questionamento: Entre o sétimo e vigésimo quinto ano de carreira docente o professor experimenta novas práticas, diversifica os seus métodos de ensino e procura novos desafios. Torna-se mais crítico e, também, mais auto-crítico. É também uma fase onde podem surgir questionamentos que originem uma crise, resultado de possíveis fracassos nas suas experiências educativas ou até pela monotonia do quotidiano da

sala de aula. Pode ainda resultar numa reflexão sobre a manutenção desse percurso ou a incerteza de uma mudança;

- Serenidade, distanciamento ativo, conservantismo: entre os vinte e cinco anos e, os trinta e cinco anos de carreira, esta caracteriza-se pelo conformismo e aceitação da sua prática que resulta em serenidade. Pode ocorrer um distanciamento efetivo para com os alunos, seja pela distância em termos etários ou pelo distanciamento geracional. Esta fase pode também ser caracterizada pelo conservadorismo, onde o professor se pode tornar resistente às mudanças e, eventualmente, ter fases de alguma nostalgia;
- Desinvestimento (sereno ou amargo): Fase que ocorre entre os trinta e cinco e os quarenta anos de carreira. Nesta fase o professor pode incorrer numa natural e progressiva libertação de trabalho, de forma tranquila e sem lamentações, dedicando mais tempo para si próprio e outros interesses que não os escolares, portanto, de forma serena. No entanto, pode ocorrer um desinvestimento amargo, isto quando o professor não alcançou os seus objetivos e/ou ambições iniciais.

Quiçá, fruto de uma situação profissional mais instável, em que a vinculação efetiva tarda cada vez mais em chegar, e porque muitos destes professores se encontram deslocados de casa, colocados a muitos quilómetros da mesma e sem certezas sobre o ano seguinte, as novas gerações de professores venham experimentar períodos diferentes para as fases supramencionadas, podendo estes ser mais curtos ou mais longos em função da situação profissional alcançada.

De Homem a professor...

A profissão de docente alicerça-se em três tipos de conhecimento distintos, o conhecimento humano, conhecimento científico e conhecimento pedagógico, é assim constituído o saber docente, mescla de conhecimentos que permitem ao professor ensinar de acordo com as exigências curriculares e sociais, resultado de um longo processo de assimilação de conhecimentos, vivências e tomadas de decisão e respetivas consequências.

Podemos assim afirmar que, tudo o que o professor experiência e vivencia será refletido na sua prática de ensino. Não apenas o professor, mas também o Homem está presente na sala de aula partilhando experiências e resolvendo as normais e habituais situações que ocorrem em sala de aula, com base na sua própria experiência.

Esta realidade que aqui apresento é aceite e estudada desde o século XIX, tal como refere Gauthier et al. (1998, p.333).

Foi, desde o momento em que a construção do professor começou a ser estudada e debatida que se concluiu que o professor não baseia a sua prática apenas no seu referencial científico, mas também nas suas próprias experiências de vida.

De acordo com Sarmiento (1994), há uma inversão de princípios quando se passa a reconhecer como primordial o saber da prática e o saber da experiência, como meios para compreender quem são os professores, porque tomam determinadas decisões, quais são as suas crenças, o que influencia o seu trabalho e outros tantos questionamentos atrelados à docência.

Então, como se passa de Homem a professor!?

Percebendo que o professor não é um ser separado da pessoa, contrariamente ao que vemos em outras profissões onde não se exige que o profissional tome decisões ou partilhe informação e experiências com outros, o professor deve e, diria até, tem de o fazer. Então, a simples dotação de conhecimentos nas áreas já referidas não basta, é necessária a consciencialização de que tudo o que vivemos, aprendemos e acreditamos será, em alguma ocasião, partilhado com os alunos e que toda a partilha com eles pode transformar o pensamento dos mesmos, como tal terá de ser uma mudança consciente e de bem, reforço eu. É assim importante que o professor possua uma capacidade de reflexão e análise sobre o seu desempenho por forma a garantir a sua idoneidade. Pimenta (1999) afirma isto mesmo, dando especial relevância à dimensão crítico- reflexiva e de pesquisa da prática docente, e destaca ainda a importância da articulação dessa reflexão

com o saber profissional, constituído pelos três tipos de conhecimento já aqui referidos, para que o professor possa ser autor e ator da sua profissionalidade.

Um dos mais importantes momentos na construção do professor é a prática de ensino supervisionada, vulgo estágio curricular, quer para o estagiário quer para o professor cooperante. Segundo Cyrino (2012) o estagiário vivencia uma pequena amostra do que é ser professor, do quotidiano escolar e outros aspetos da docência, já o professor cooperante, segundo Benites (2012), descobre uma nova tarefa, a de participar na formação de novos professores, contribuindo com a sua experiência e tomando consciência dos desafios que os novos professores enfrentam despertando-os para a sua própria realidade.

O estágio permite a compreensão, assimilação e consciencialização sobre a realidade escolar, as dificuldades e necessidades que o professor tem de suprir, dando assim início à construção de ferramentas que lhe permitirão criar a ligação entre os conhecimentos necessários e o método de ensino que este adota perante as mais diversas situações. Sempre apoiado pelo conhecimento e experiência do professor cooperante que, resultado de anos de trabalho e traquejo, ajuda na procura de soluções, idealmente sem impor as suas metodologias mas antes mostrando as suas ideias e descobrindo as novas que o professor em formação apresenta e sugere, assim, torna-se num ato de ensino e aprendizagem completo em que ambas as partes evoluem de forma significativa.

Também o momento em que os alunos aceitam o estagiário como professor assume grande importância. Até esse momento o professor estagiário é um mero aluno, contudo, quando os alunos que tem à sua frente o aceitam como professor e o começam a tratar como tal, toda a responsabilidade inerente ao cargo surge no âmbito do professor em formação, é por isso, talvez, um dos primeiros momentos em que este toma consciência da importância do seu trabalho, da sua figura e do que esta representa para os alunos e, finalmente, da importância de elevar todos os seus conhecimentos, científicos, pessoais e sociais, de forma a que estes sejam sempre acertados e corretos. Segundo Benites (2012) o estudante de ensino de educação torna-se professor no momento em que reconhece que o ato de ensinar implica pensar e agir como um educador, e não como um improvisador de tarefas.

Sintetizando, o professor fundamenta-se em todo o conhecimento que possui, seja ele de natureza científica, vivências, crenças, políticas e tudo o que considera correto, leva consigo todo esse conhecimento e utiliza-o no processo de ensino e aprendizagem e na resolução de conflitos ou outras situações que acontecem em sala de aula, toma

consciência da importância desses conhecimentos e da sua transmissão e procura elevar os mesmos em virtude das funções que desempenha, normalmente, é durante o estágio curricular que este passa de aluno a professor, tomando consciência da importância da sua função e dando assim início à busca de novas soluções para o desempenho das suas funções, sempre apoiado pelo professor cooperante numa partilha de experiência e ideias que enriquece ambos.

A minha experiência...

O ensino surge na minha vida quase como um cargo associado, imposição contratual que levou a uma busca de conhecimento, método e pedagogia em contramão! Porquê? Porque me tornei professor, no que ao título diz respeito, sem o ser e sem compreender o que isso significava! Nunca fui inconsciente, não! Sempre tive presente que tudo aquilo que ensinava tinha de primar pelo rigor técnico e científico, mas apenas isso...

Contextualizando, na adolescência iniciei os meus estudos musicais de forma informal, como trombonista numa banda filarmónica, com rigor, mas sem acreditação, construí conhecimento técnico sobre diversas áreas da música, ainda que pouco aprofundado, o suficiente para querer mais. Tal desejo levou-me ao estudo de música na Escola Superior de Educação de Bragança na licenciatura de Música, sem ambição docente, apenas movido pelo gosto e encanto musical, pela curiosidade e inocência, pelo simples desejo de querer saber mais. Por acaso do destino nesse mesmo ano foi-me proposto que assumisse funções na banda filarmónica como seu maestro, ora, esse cargo trazia consigo um outro, o de professor de música na academia da mesma! Aceitei, para só depois perceber que não estava preparado para nenhuma das duas funções que me haviam incumbido. Surgiu assim a necessidade de desenvolver conhecimentos técnicos e científicos em duas áreas tão distintas como a direção e o ensino, para não facilitar tinha de fazer ambas em simultâneo, o que não deixou tempo para qualquer questionamento pessoal, qualquer reflexão abstrata sobre a real função do professor, o único foco era o de formar novos músicos, capazes de ler, interpretar e executar uma determinada obra ou partitura. Apesar de concluída a licenciatura em Música nunca me havia interpelado a mim mesmo sobre as questões que anteriormente referi, nunca, até ao momento em que iniciei os meus estudos em ensino de educação musical para o grau de mestre onde efetivamente o ensino é apresentado de forma holística.

A reflexão e compreensão sobre questões como o que é o currículo e qual a sua importância, ou, simplesmente, distinguir programa de projeto, perguntas que Roldão

(2000) tão bem aborda e esclarece, não era, por mim, procurado antes de aqui chegar. Compreender que o ensino é, por si só, uma enorme e vasta área de conhecimento e que exige conhecimento próprio, distinto, muito distinto do conhecimento que carregamos em nós, pronto a ser apresentado e transmitido aos demais mas que sem todo este conhecimento de que escrevo, o conhecimento sobre como ensinar, o que ensinar, quando ensinar, a quem ensinar, porquê, para quê, para quem... toda a compreensão sobre este tema e o seu entrosamento com o saber necessário, de nada, ou muito pouco, serve!

Em suma era assim, alguém com vontade de ser professor, que procurava por métodos e buscava conhecimento em diversas áreas, mas a quem faltava aquilo que hoje acredito ter encontrado, a sensibilidade para o ensino e reconhecer a nobreza e grandeza dessa missão, a de transformar as pessoas e a sociedade por meio de ensinamentos, gestos e partilha.

A profissão e a sociedade

A profissão docente desempenha um papel fundamental na sociedade portuguesa, moldando o presente e o futuro do país e da nossa sociedade ao educar e dotar de competências as gerações mais jovens. Para além da sua função, já aqui descrita, os professores desempenham um papel crucial na formação de cidadãos responsáveis e na promoção do desenvolvimento económico, social e cultural dos mesmos.

Importa dizer que, tal relevo, tomou maior dimensão por volta do ano 1870, isto porque, diz-nos Nóvoa (2021), é por esta altura que, um pouco por todo o lado, se assiste à consolidação do modelo escolar que chegou, na forma de conceber e organizar a educação até aos dias de hoje. Como, também segundo Nóvoa (2021), nos lembra, David Tyack aplicou a expressão “The one best system”, sistema de ensino que se tornou ainda mais influente na sociedade quando, no final do século XIX se generalizou a toda a infância e surge a escola obrigatória, modificando a sociedade e a forma como se organizava ao retardar a entrada dos jovens no mercado de trabalho e ao dotar todos de competências e conhecimentos até ali reservados a apenas alguns. Sabendo que este sistema se difundiu a nível mundial podemos asseverar, tal como Nóvoa (2021) afirma, que esta universalização confirma a centralidade que ele adquire nas sociedades contemporâneas.

Ainda mais recentemente, alinhado com a definição da UNESCO (2009), as políticas educativas assumiram o compromisso com a educação inclusiva, capaz de responder às necessidades de todos os alunos independentemente das suas dificuldades. Tal compromisso está ratificado no decreto-lei número 54/2018 de 6 de julho, sendo este muito claro e explícito na sua intenção de dotar as escolas de autonomia para se adaptarem à realidade dos seus alunos e de forma a suprir as suas necessidades alterando a sua organização e implementando as seguintes medidas: acomodações curriculares; adaptações curriculares significativas e não significativas; adicionar áreas curriculares específicas como é o caso do treino de visão, sistema braille, entre outras; eliminar as barreiras à aprendizagem, sejam elas de natureza física, sensorial ou outras; criação de uma equipa de saúde escolar em articulação com as unidades de saúde locais; intervenção precoce na infância; necessidades de saúde especiais; plano individual de transição que é concebido três anos antes da idade limite da escolaridade obrigatória; plano de saúde individual; programa educativo individual. Este compromisso veio aproximar ainda mais a escola da sociedade, não apenas a escola se destina a ensinar um determinado programa

curricular como também a dotar todos os alunos de competências sociais e humanas fomentando uma sociedade melhor e igualitária, tal como previsto no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória.

Ora, no centro deste sistema, que já percebemos a sua importância e relevância, estão os professores, veiculadores dos seus princípios, agentes de transformação do seu público-alvo e, também, da escola e do sistema de ensino. São por isso, profissionais de elevado valor, que merecem respeito e valorização pela sociedade que eles próprios ajudaram a construir.

Segundo dados da Base de Dados Contemporânea, mais conhecida por PORDATA, em 2012 existiam, no ensino público, ao nível de Educação Pré-escolar, Ensino Básico e Ensino Secundário, um total de 140901 professores, já no ano 2022 e nas mesmas circunstâncias existiam 131133, isto significa que em apenas dez anos se perderam aproximadamente 9000 professores no ensino público. Mas vejamos outro dado segundo a mesma fonte, no ano 2012 foram formados 3010 novos professores, já em 2022 apenas se formaram 1674, também aqui se assiste a uma redução de professores!

Os dados expostos indicam que a profissão docente está a perder interessados, e talvez se possa inferir que seja pela falta de condições atrativas ou pela falta de reconhecimento por parte da sociedade, lamentavelmente, esta situação reflete já uma escassez de professores que persistentemente afeta o início do ano letivo e até, em muitos casos, compromete todo o ano letivo em algumas disciplinas, sendo os alunos os principais prejudicados, aqueles para quem todo o sistema verte a sua atenção, aqueles que procura incluir, educar, transformar e dotar de competências, não consegue muitas vezes cumprir por falta de professores.

Não deixa de ser estranho que, ao mesmo tempo que a escola se aproxima cada vez mais das pessoas e das famílias vemos um maior afastamento em relação aos professores tal como disse Ravitch (2013).

Na minha opinião, a escola tem vindo a evoluir de forma lenta e, talvez por essa razão, pouco notória, a verdade é que nas últimas décadas todo o pensamento que rege a construção curricular e respetivos programas mudou, deixando de se focar nos ensinamentos apenas e passando a valorizar todas as questões imensuráveis que se convertem em competências. De tão pouco notória que foi, na minha opinião, a sociedade em geral não se apercebeu acabando por se afastar e desvalorizar os principais agentes do sistema de ensino que temos em Portugal e que em muito se assemelha com a maioria dos restantes sistemas.

Em jeito de conclusão, acredito que o professor tem vindo a evoluir e com ele a escola e a comunidade, sendo hoje um bem precioso, e cada vez mais escasso, extremamente importante não só enquanto educador, mas também enquanto ferramenta de inclusão para todos, identificando problemas, criando soluções, articulando com as famílias e implementando de forma efetiva as soluções encontradas para os mais diversos problemas. Não obstante, a sociedade tem vindo a segregar, em certa medida, esta classe profissional, responsabilizando os professores por muitos dos problemas que acontecem nas escolas e menorizando todo o trabalho desenvolvido sob imensas imposições e restrições constitucionais e governamentais. É assim uma relação difícil de descrever, o professor tornou-se num dos mais importantes elementos da sociedade, ao mesmo tempo que a escola tem vindo a ser desacreditada e fazendo com que também os professores sejam repudiados.

Capítulo II

Caraterização do contexto educativo

A escola e as memórias: narrativo pessoal de um percurso

Foi em 1996 que, pela primeira vez, atravessei as grandes portas envidraçadas da, então, Escola Secundária de Mogadouro... aquelas portas... aquelas portas não permitiam entrar numa escola, não... aquelas portas permitiam sair! Sair de um mundo fechado, que caminhava a passo, sem pressa. Todos os dias nasciam novas construções sem que por isso o mundo mudasse, os olhos inocentes de uma criança não enxergavam para lá do chão que os seus pés pisavam e, estes, pisavam sempre nos mesmos sítios. Mas aquelas portas... ao atravessá-las pela primeira vez, tal qual recém-nascido, deixando aquele mundo lá fora, descobri um novo, diferente, desafiante. Diferente da preparatória (atual segundo ciclo que, naquela época, era ministrado numa escola separada), diferente da primária (atual primeiro ciclo), diferente de tudo o que conhecia! Não, a escola não era estruturalmente muito diferente! As pessoas, os professores, a autonomia que nos era dada, a coexistência com tantas e tão diferentes pessoas com idades tão distintas, os ensinamentos e a forma como eram apresentados, isso sim era diferente... Foi, da primeira vez, um momento mágico que transformou o mundo cá fora sem lhe tocar, transformou-o pelos olhos de quem o via e, algum tempo depois, os dois se haviam tornado unos. Os olhos que não enxergavam começaram a olhar o horizonte, a questionar mais, a sentir mais, viver mais! Mas, como tudo o que se repete uma e outra vez, acaba por perder a magia, até que desaparece... até que se esquece...

25 anos depois, as mesmas portas, a mesma ansiedade! Quem estaria do outro lado? Certamente que alguns funcionários, outrora chamados de contínuos, hoje assistentes operacionais, ainda seriam os mesmos! Lembrar-se-iam eles do miúdo que por ali vagueou em tempos!? E os professores!? Muitos daqueles que me ensinaram ainda lá lecionam, também eles se lembrariam!?

Hesitei, disfarcei conversando com um professor amigo, sobre o quê já não me lembro, conversa de circunstância, útil aos meus propósitos, despropositada para quem já viveu tanto! Lá dentro, consegui ver através das vidraças, as mesmas vidraças de outrora, a minha professora de música, aquela que me transmitiu os primeiros ensinamentos musicais, há muito, muito tempo... parece que foi noutra vida, e, vendo bem, talvez tenha sido, afinal, só havia atravessado aquelas portas depois de deixar a preparatória...

Desta vez, ao ver a professora de música os meus olhos viram nela aquela que seria, foi, a minha professora cooperante, colega, amiga e conselheira nesta nova demanda. A conversa de circunstância acabara, era hora...

Atravessei aquelas portas, as portas que um dia me permitiram sair de um mundo para depois o redescobrir, aquelas portas mágicas... Não as abri, um senhor conhecido, ali assistente operacional abriu-as para mim, acompanhou com um “Bom dia professor!” Claro está que a minha educação, não rígida, mas inflexível em determinadas matérias, não me permitiu deixar o senhor sem resposta. Apesar de confuso, estranho e embasbacado, sim, embasbacado por ter passado milhares de vezes aquelas portas e mesmo assim parecia ser a primeira vez, lá respondi com agrado e cortês “Bom dia...”

Olhares curiosos de uns, olhares amigos de outros, e ainda olhares estranhos que não consigo descrever, todos eles se voltaram para mim naquele momento... o momento foi, como todos são, efémero, mas naquele momento o tempo parou, tornou-se infinito, pelo menos até ao momento em que a minha professora cooperante me chamou, aí tudo regressou à normalidade, o tempo voltou a passar...

Nada do que os meus olhos alcançavam era novo, nada... As mensagens de valores humanos escritos nas faces dos degraus da escadaria que fica defronte da porta de entrada ainda lá estavam, o “guichet” da campainha permanece intacto, feito em alumínio cinzento e com vidros a meia altura! Os degraus, gastos, em parte pelo normal uso que o degrau de uma escada está sujeito, em parte porque foi lá que várias gerações de adolescentes bateram e desgastaram a ponta das suas botas “biqueira de aço”, só para dar um aspeto mais “cool” à sua indumentária. O conselho administrativo, outrora conselho executivo, e antes disso conselho diretivo, permanece no mesmo local, depois da reprografia e antes da sala 12. Local que em tempos idos evitava a todo o custo (nem sempre com sucesso) é hoje menos assustador, menos intimidante, hoje é paragem obrigatória para um “bom dia”, fazer ponto de situação ou resolver o que quer que seja...

O bufete, o recreio, os corredores, os laboratórios, tudo aquilo que existia no início mantém-se, intacto, petrificado no tempo, tal como a memória preservava, mas, ainda assim tudo parecia novo, estranho...

Fomos para um local de onde a minha memória não guarda registo. Não guarda porque não existia, foi construído há relativamente pouco tempo, a nova ala da Escola Básica e Secundária de Mogadouro que, como o nome indica, alberga também o segundo ciclo, substituindo a antiga escola preparatória, dotada de novas e melhores infraestruturas e equipamentos para o ensino.

Na junção da antiga Escola Secundária e da nova Escola Básica está situada a sala dos professores. Após um breve relembrar do espaço, guiado pela professora, chegámos à sala dos professores onde rostos conhecidos, rostos amigos, questionaram a minha presença ali, para depois saudar a mesma com satisfação e amizade! Estranho, muitos deles são e sempre serão os meus professores! Não consigo tratá-los de outra forma, por mais vezes que alguns reforcem a ideia de que “agora somos colegas!”, não... não deixo de os olhar com o mesmo respeito e admiração de tempos idos!

Outros professores ali presentes questionavam, de forma mais ou menos discreta, quem eu era e, o porquê de muitos me conhecerem e acarinharem. Curioso, a reação dependia sempre da resposta, aqueles que ouviam como resposta que eu era um jovem local que estava ali como estagiário de música quebravam o brilho do olhar, o brilho que qualquer criança emana quando a sua curiosidade é desperta, mas, aqueles a quem era dito que se tratava do maestro da banda filarmónica e que estava ali a concluir o mestrado esse brilho transformava-se em palavras, saudavam e criavam conversa. Eu, o estagiário, o Igor, que nunca ligou a lisonja motivada por títulos ou estereótipos sociais respondi com educação para os curiosos e segui, distribuindo sorrisos para os rostos conhecidos, trocando palavras simpáticas com os amigos, olhando nos olhos com a mesma franqueza aqueles que observavam o estagiário e aqueles que observavam o maestro sem perceberem que os outros professores, aqueles que recebiam sorrisos e palavras afáveis, observavam o Igor...

Para terminar este ponto, acrescentar que, tal franqueza permitiu afastar, logo no primeiro dia, os olhares desnecessários, tornando-me assim em apenas mais um no meio de tantos, com a mesma função e, tenho que assim pensar, a mesma legitimidade, deste trilhar da vida de professor.

O espaço escolar

No nordeste transmontano, distrito de Bragança, concelho de Mogadouro, a população de cerca de dez mil habitantes é servida, ao nível da educação escolar, pelo agrupamento de escolas de Mogadouro. Este agrupamento é constituído pela Escola Básica de Bemposta (Pré-escolar e 1.º ciclo), Escola Básica de Mogadouro (Pré-escolar e 1.º ciclo) e Escola básica e secundária de Mogadouro (2.º e 3.º ciclo e ensino secundário).

Esta, possui nas suas instalações, salas equipadas com quadro interativo, biblioteca, reprografia, papelaria, bufete, cantina, pavilhão para a prática desportiva, campo de basketball e campo de futebol.

A escola complementa ainda a sua oferta formativa por meio de 4 “clubes”, são eles, Tuna “Os meus amores”, jornal da escola, europeu 2018-2020 e desporto escolar. Mais, tem implementados os projetos “Plano Nacional de Leitura” e também o “Plano de Educação para a Saúde”.

Cada uma das turmas tinha, ainda resultado das medidas implementadas aquando da pandemia, uma sala de aula definida onde decorriam todas as suas aulas. Por serem em tudo semelhante passo a descrever apenas uma das salas.

A sala de aula situava-se no primeiro andar e possuía uma área útil de cerca de 56m². Capacidade para vinte alunos em carteira individual distribuídos por quatro filas de cinco alunos. Orientada, quando vista da posição dos alunos, de norte para sul, possuía a sua porta de entrada a oeste, bem como, quatro pequenas janelas posicionadas a cerca de dois metros de altura até ao teto voltadas para o corredor de acesso à sala. Do lado oposto, três grandes janelas com vista para o pavilhão de prática desportiva, também os radiadores de aquecimento. A norte, um armário feito de madeira para uso geral onde os alunos guardavam os seus trabalhos de educação visual e tecnológica. A sul, a secretária do professor, o quadro interativo, quadro de giz e uma pequena estante que servia para guardar os telemóveis ou outros pertences que pudessem distrair e prejudicar o normal desenvolvimento das aulas. Compunham as ferramentas tecnológicas disponíveis, um computador com acesso à internet, um quadro interativo e respetivo projetor, e, também, colunas de som para computador.

Segue-se uma representação da sala de aula:



Figura 1: representação da sala de aula vista de noroeste para sudeste

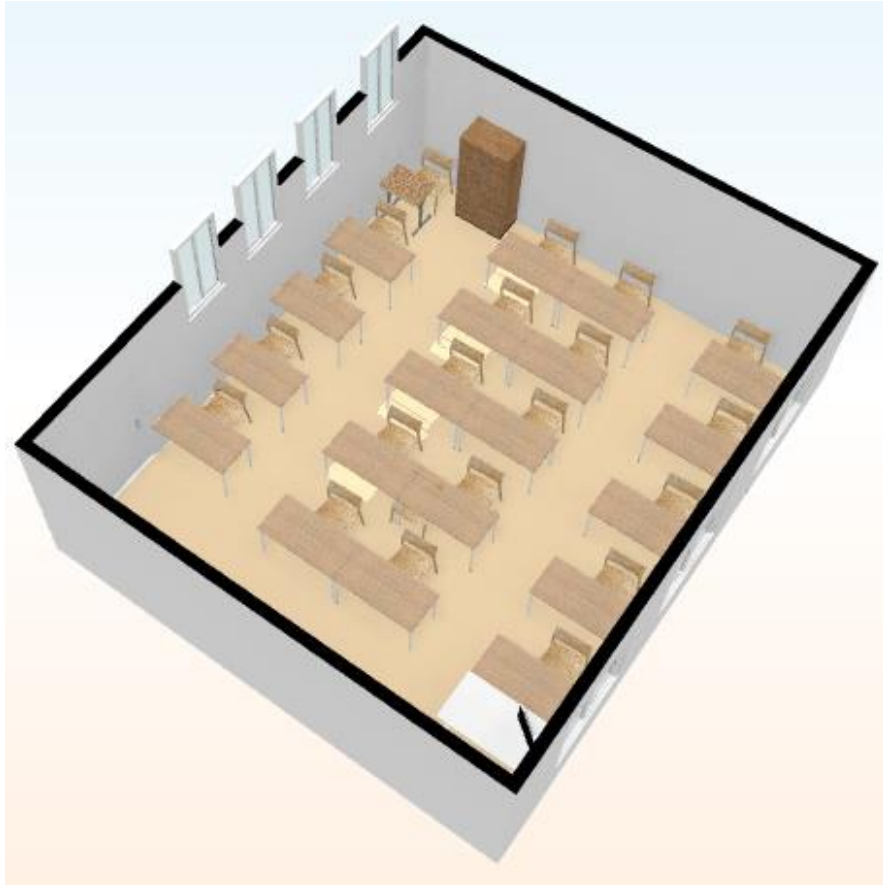


Figura 2: representação da sala de aula vista de norte para sul



Figura 3: representação da sala de aula vista de sudeste para noroeste



Figura 4: representação da sala de aula vista de sudoeste para nordeste

A comunidade escolar

De acordo com os mais recentes dados, retirados da “adenda III ao projeto educativo 2017-2021”, que data de 23 de outubro de 2021, o agrupamento contemplava, no período em que desenvolvi o meu trabalho de prática de ensino supervisionado, um total de 657 alunos distribuídos por 37 turmas. Ao seu serviço estão 136 docentes distribuídos da seguinte forma: EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR 7 educadoras; 1º CICLO 26 professores; CIÊNCIAS 28 professores; LÍNGUAS 19 professores; CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS 15 professores; EXPRESSÕES 8 professores; EDUCAÇÃO ESPECIAL 3 professores + 3 (Intervenção Precoce); TÉCNICOS ESPECIALIZADOS; 1 Fisioterapeuta; 3 Psicólogas; 1 Psicóloga do projeto PIICIE do Município; o Agrupamento dispõe também de: 1 Educadora Social + Terapeuta Ocupacional + Terapeuta da Fala; AEC 8 professores, e ainda, 34 assistentes: 8 técnicos e 26 operacionais.

No âmbito da educação inclusiva prevista no Decreto-Lei nº 54/2018 de 6 de julho o agrupamento tem em funcionamento uma estrutura designada por “Centro de Apoio à Aprendizagem” (CAA) composta por 3 docentes de educação especial, 1 fisioterapeuta em horário parcial de 5 horas e ainda 3 docentes do 1º ciclo que prestam algum apoio, a tempo parcial. Ao todo, são apoiados 11 alunos inseridos nas medidas adicionais (3 do 1º ciclo e 8 a partir do 2º ciclo) e 25 alunos inseridos nas medidas seletivas (12 no 1º ciclo e 13 a partir do 2º ciclo).

A Escola básica e secundária de Mogadouro (2.º e 3.º ciclo e ensino secundário), onde se desenvolveu a minha prática de ensino supervisionada, como referi anteriormente, contemplava um total de 405 alunos distribuídos da seguinte forma: segundo ciclo, 106 alunos distribuídos por 5 turmas, 2 de quinto ano e 3 de sexto; terceiro ciclo, 152 alunos distribuídos por 9 turmas, 2 de sétimo ano, 4 de oitavo e 3 de nono ano; secundário, 96 alunos distribuídos por 6 turmas, 2 de décimo ano, 2 décimo primeiro e 2 de décimo segundo; profissional, 51 alunos distribuídos por 3 turmas.

Trabalhei com duas turmas de quinto ano, iguais na faixa etária, pertencentes ao mesmo agrupamento, à mesma escola e comunidade, contudo, muito diferentes, como a seguir se descreve. Mais se refere que se mantém o tempo verbal nesta descrição, dado que compreende o espaço temporal do período em que realizei a prática de ensino supervisionada.

5. ° B:

Turma constituída por 19 alunos, 9 raparigas e 10 rapazes, com idades compreendidas entre os 9 e os 12 anos. Três alunos já repetiram pelo menos um ano de escolaridade, sendo que um deles já repetiu 2.

Maioritariamente são as mães que assumem a função de encarregado de educação, coincidentemente, são também as mães quem apresenta mais habilitações académicas.

Nenhum dos alunos apresentava, ou referia, problemas graves de saúde. De um modo geral, eram alunos responsáveis e organizados. Apenas uma aluna beneficiava de medidas de suporte à aprendizagem e inclusão (medidas universais e adaptações curriculares não significativas).

Deste modo a turma apresentava um bom comportamento em sala de aula, a grande maioria demonstrou interesse pela disciplina “Educação Musical” e participava de forma ativa e construtiva.

Ao nível individual, referir que os nomes aqui apresentados são na sua totalidade fictícios e, serão apresentados pela sua ordem alfabética, não correspondendo à organização numérica dos alunos.

Ayla, uma menina tímida, reservada, participa ativamente e sem necessidade de estímulo adicional, contudo não é a primeira a participar e, normalmente só participa na aula quando solicitado. Apresenta coordenação motora e capacidade de imitar ritmos e sons. Ainda não escolheu a sua profissão para o futuro.

Briana, uma menina sempre disposta a participar na aula, quer nos momentos teóricos quer nos momentos práticos. É uma aluna bem-comportada e que respeita os colegas, sabendo esperar pela sua vez para responder. De modo geral é uma boa aluna. No futuro, Briana gostaria de ser estilista.

Cleide, também ela tímida, também ela participativa, mas, apenas quando solicitado. Assim como a Ayla, é uma menina bem-educada, com um desempenho escolar mediano, sobressaindo no campo da atividade física. Consegue imitar ritmo e som com suficiente desenvoltura. Ainda não escolheu a sua profissão para o futuro.

Cloé, uma menina também ela tímida e reservada, curiosamente, Cloé, Cleide e Ayla estão, as três, sentadas na mesma fila, tal facto faz com que esse lado da sala aparente ser menos participativo, isto porque apenas participam quando solicitado, no entanto, também a Cloé participa e executa os exercícios propostos pelo professor com normal desenvoltura. No futuro a Cloé almeja tornar-se maquilhadora.

Dante, um menino bem-disposto e irrequieto, sempre pronto para conversar, sempre pronto para se voltar para trás ou, baixar a máscara. Altamente participativo, é sempre dos primeiros a manifestar interesse em executar os exercícios propostos e, nunca recusa executar um exercício a solo, mostrando aos colegas como se faz. O Dante apresenta uma aparente necessidade de atenção, talvez, fruto dos seus condicionantes familiares. Executa todos os exercícios com facilidade e demonstra uma boa capacidade de aprendizagem musical. De um modo global é um aluno razoável. No futuro, imagina-se fardado e a fazer cumprir a lei e a ordem, o Dante almeja a profissão de polícia.

Denis, nunca está presente nas aulas. Apresenta um elevado grau de absentismo escolar e, como tal, não tenho dados a registar.

Franklin, um menino que apresenta algumas dificuldades no relacionamento interpessoal, resultado de problemas no seio familiar, o Franklin isola-se facilmente, requer por isso um trato distinto na forma como se convida a participar na aula, no entanto, acautelada essa situação, o Franklin é um menino enérgico e participativo. Executa os exercícios com facilidade e apresenta boa capacidade de aprendizagem e, de modo geral, é um aluno razoável. Um dia gostava de ser técnico de computadores.

Gael, o menino que completa a fila que se senta junto da janela, também ele participativo quando convidado a tal. Diferente das meninas no comportamento, Gael está sempre pronto para elaborar uma piada ou fazer uma observação mais pertinente. Aprende os conteúdos teóricos com notável facilidade e demonstra uma razoável capacidade de imitar sons e ritmos. De modo geral é um aluno com elevado aproveitamento. Gostaria de ser, no futuro, engenheiro agrónomo.

Iago, talvez o menino mais irrequieto e enérgico da turma. Sempre disponível para conversar, em especial com o Dante, que frequentemente se volta para trás com esse propósito. Menino vivaço no comportamento e solícito na aula, é, se não o primeiro, seguramente um dos primeiros a manifestar vontade de fazer e participar em todos os momentos da aula. De um modo geral, tal como em particular na aula de educação musical, apresenta um aproveitamento razoável. No futuro, Iago gostaria de ser carpinteiro.

Jacó, a referência da turma, aquele que detém o respeito e admiração dos colegas. É um menino muito bem-comportado, que sabe estar, sabe esperar, e pede sempre autorização antes de falar. Participa ativamente em todos os momentos da aula, apresentando facilidade na compreensão e assimilação dos conteúdos, Jacó executa de

forma correta os exercícios. De modo geral é um bom aluno. Para o seu futuro Jacó almeja a profissão de bancário.

Jade, uma menina bem-comportada, apresenta sempre interesse em participar na aula. Aprende com razoável facilidade e rapidez quer conteúdos teóricos quer práticos. É uma menina, apesar da sua solicitude, sossegada, que sabe esperar e respeitar a vez dos colegas. De um modo geral apresenta um bom desempenho escolar. Para o seu futuro, Jade deseja a profissão de médica.

Levi, um menino enérgico e bem-disposto, muito participativo, é dos primeiros a pedir para fazer os exercícios propostos pelo professor. Um pouquinho distraído, Levi está sempre atento a tudo o que acontece à sua volta, o que naturalmente o desvia por vezes do que realmente importa. Aprende com razoável facilidade, tal como o seu desempenho global o demonstra. Levi ainda não decidiu qual será a sua profissão no futuro.

Luan, o músico que ainda não descobriu que o é... Luan tem uma natural capacidade de imitar ritmo e sons, mas também de improvisar. Capaz de tocar alguns instrumentos tradicionais, Luan apresenta conhecimento geral de elementos musicais ainda não abordados na aula, tais como, instrumentos populares e o seu funcionamento, géneros musicais distintos e repertório variado. Respeita os seus colegas e responde apenas quando lhe é permitido. É, de um modo geral, um bom aluno. Para o seu futuro, Luan, ainda não escolheu profissão.

Maya, uma menina irrequieta e um pouco distraída. Não é, nunca, a primeira a manifestar interesse em participar, no entanto não deixa de o fazer quando tal lhe é solicitado. Sempre atenta ao que a rodeia, Maya volta-se com alguma frequência para a carteira de trás. Maya aprende com facilidade os conteúdos teóricos, mas apresenta alguma dificuldade na execução de exercícios práticos. Tem, de um modo geral, um aproveitamento escolar elevado, contrastante com as capacidades demonstradas na aula de educação musical. Para o seu futuro deseja a profissão de médica.

Mirela, uma menina altamente participativa em todos os momentos da aula. Impaciente, não aguarda a sua vez e muitas das vezes interpela os colegas para manifestar a sua opinião. Fala com muita facilidade e, por vezes, interpela até o professor. Aprende os conteúdos com facilidade e executa os exercícios propostos com destreza. Imita ritmo e som de forma precisa. Apresenta, no geral, um bom aproveitamento escolar. Para o seu futuro ambiciona a profissão de enfermeiro veterinário.

Murilo, um menino muito bem-comportado e respeitador. Apresenta boas capacidades de aprendizagem quer teórica quer prática. É um menino com razoável coordenação motora e memória visual. É um dos primeiros a manifestar vontade de participar nos exercícios propostos e fá-lo de viva-voz, contudo, aguarda sempre a sua vez com respeito e paciência. Tem um bom aproveitamento escolar na generalidade. Para o seu futuro ainda não escolheu profissão.

Noa, uma menina discreta, facilmente não damos por ela dentro da sala de aula. Pouco participativa, nunca demonstra vontade de participar nos exercícios propostos pelo professor, chegando inclusivamente a recusar participar nas atividades práticas. Tímida e reservada, Noa não conversa com os colegas, permanece atenta ao que acontece ao seu redor e àquilo que o professor diz. A sua participação prática limita-se a alguns exercícios de imitação que executa com pouca precisão. Apresenta um aproveitamento escolar mediano. No futuro, Noa gostaria de ser artista.

Taiane, uma menina um pouco distraída e conversadora. Muito participativa, procura responder sempre, por vezes sem que tal lhe seja pedido. Facilmente se distrai com o que acontece ao seu redor, Taiane, apesar de não saber esperar a sua vez, é uma menina afetuosa e que procura a atenção dos seus pares. Na aula de educação musical apresenta uma razoável coordenação motora e capacidade de execução dos exercícios práticos. Não demonstra dificuldades na compreensão dos conteúdos teóricos. De um modo geral é uma aluna razoável e com um aproveitamento escolar condizente. Para o seu futuro escolheu a profissão de polícia judiciária.

Tobias, um menino reservado e muito atento. Tobias não se distrai facilmente e, contrariamente ao que a sua reserva aparenta, Tobias é participativo, contudo, aguarda sempre a sua vez de forma ordeira e educada, manifestando a sua vontade de participar apenas pelo gesto e nunca pela voz. Tobias aprende com facilidade e executa os exercícios propostos pelo professor com facilidade e precisão. É um aluno com um bom aproveitamento escolar na generalidade. Almeja para si a profissão de veterinário.

5.º C:

Esta turma era constituída por dezanove alunos, sendo, oito raparigas e onze rapazes, destes, cinco frequentaram a escola do primeiro ciclo de Bemposta.

As idades variavam, maioritariamente entre os nove e os dez anos, havendo dois alunos com onze e um com doze.

Sete desses alunos residem em Mogadouro e, os restantes doze, nas aldeias do concelho.

Dezasseis alunos beneficiavam da Ação Social Escolar, sendo que, oito beneficiavam de escalão A, seis foram contemplados com escalão B e, a dois, foi atribuído o escalão C.

Três destes alunos tiveram uma retenção no primeiro ciclo.

De uma maneira geral, as mães apresentavam, relativamente aos pais, mais habilitações académicas.

À exceção de uma aluna, todos os alunos tinham como Encarregado de Educação a mãe.

Nenhum aluno referiu qualquer tipo de problema grave de saúde.

Dois alunos beneficiavam de medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão – medidas seletivas.

A turma apresentava, na generalidade, um comportamento agitado e, em alguns momentos, turbulento. Apenas cerca de metade dos alunos demonstrou interesse pela disciplina de educação musical, participando de forma espontânea e manifestou curiosidade sobre os conteúdos tratados, os restantes são pouco interventivos e interessados.

Seguindo uma linha de narrativa idêntica à que realizei para a outra turma, de seguida, exponho a caracterização individual dos alunos e, como forma de salvaguardar a identidade dos alunos os nomes aqui apresentados são na sua totalidade fictícios e, serão apresentados pela sua ordem alfabética, não correspondendo à sequência numérica dos alunos.

Alípio, um menino extrovertido, com imensa energia e vivacidade utilizada, muitas vezes, para conversar com os colegas e distrair o grupo. Manifesta vontade de participar na aula, é impaciente e chega a ser mal-educado com os colegas. Este beneficia de medidas seletivas de suporte à aprendizagem e inclusão. Apesar dos problemas comportamentais apresentados, Alípio consegue, quando devidamente motivado e conduzido, executar de forma razoável os exercícios propostos. Tem uma coordenação

motora suficientemente desenvolvida e compreende as informações que lhe são dadas. De um modo geral é um aluno com algumas dificuldades que se refletem no aproveitamento escolar. Alípio ainda não “escolheu” a sua profissão para o futuro.

Anaëlle, menina distraída, muitas vezes embrenhada nas suas pinturas quem nada têm que ver com a aula e os seus conteúdos. Pouco participativa, Anaëlle não manifesta interesse pela disciplina, fazendo apenas os exercícios propostos quando convidada a tal. Ao nível rítmico e de coordenação motora esta, apresenta um desenvolvimento suficiente, contudo, no que à compreensão dos conteúdos diz respeito, Anaëlle apresenta algumas dificuldades. No futuro, esta, deseja ser professora.

Anastácia, uma menina extremamente reservada!! Anastácia simplesmente se recusa a falar, responde, quando questionada com opção de resposta direta, acenando com a cabeça apenas. Não participa nas atividades nem tão pouco manifesta interesse pela disciplina, aliás, acena com a cabeça negativamente à questão “gostas de música?” e afirmativamente à questão “Gostas de escutar música?”, o que leva a acreditar que Anastácia não gosta da disciplina de educação musical. Para o seu futuro ainda não decidiu qual será a sua profissão.

Bradley, um menino que, à semelhança de Alípio, beneficia de medidas seletivas de apoio à aprendizagem e inclusão. Este é um aluno reservado, que normalmente não destabiliza a aula, no entanto, manifesta pouca vontade de participar na mesma e, nunca pede para ser o primeiro a responder. Apesar da pouca participação, Bradley possui uma coordenação motora suficiente e, executa com aproveitamento os exercícios propostos. No futuro gostaria de se tornar agricultor.

Diva, uma menina atenta, que sabe estar em silêncio e com respeito pelos colegas na sala de aula. Não procura ser a primeira a responder, mas, participa de forma mais reservada, cumprindo com todas as tarefas e executando todos os exercícios com aproveitamento. Deseja, no futuro, tornar-se professora.

Dimas, menino muito participativo e pró-ativo. É sempre o primeiro a pedir para responder e discutir os assuntos tratados na aula. Por vezes, tal ânsia leva a que não respeite a vez dos colegas. Dimas possui uma coordenação motor bem desenvolvida e manifesta muito interesse pela disciplina de educação musical. Possui ainda prática na execução de percussões e gaita-de-foles. Para o seu futuro, o desejo profissional recai sobre a profissão de guarda-redes de futsal.

Galileu, um menino que facilmente passa despercebido. Sempre atento ao que acontece ao seu redor, Galileu torna-se um menino contrastante ao nível do

aproveitamento em função da atenção demonstrada. Possui uma coordenação motora insuficiente, não sendo capaz de executar exercícios simples de imitação. Também no que à compreensão dos conteúdos diz respeito, este, fica aquém do pedido. Não perturba a aula e é pouco participativo. Para o futuro ainda não escolheu profissão.

Geraldo, um menino com um bom comportamento, respeitador e que sabe responder apenas na sua vez. Participa em todas as atividades com prontidão e competência. Geraldo apresenta uma boa capacidade de imitação e memória e uma razoável coordenação motora. Para o seu futuro, este menino ambiciona ser professor.

Gilcélío, um menino extrovertido, sempre pronto para participar na aula. Conversa com muita frequência e distrai-se muito facilmente. Apresenta uma boa capacidade de memória, imitação e coordenação motora. Gilcélío imagina-se a servir “pela lei e pela grei” na profissão de G.N.R.

Laíz, uma menina tímida, muito bem-disposta e bastante comunicativa, mas que se intimida facilmente com a exposição própria de uma interpretação em público. Laíz aceita participar nas atividades de grupo, contudo não sai da sua zona de conforto (entenda-se a sua secretária) para realizar os mesmos. Apresenta uma capacidade de imitação e coordenação razoável e uma boa capacidade de aprendizagem dos conteúdos apresentados. Para o seu futuro Laíz está indecisa entre enfermagem e direito.

Laryssa, menina muito pouco participativa. Não apresenta dificuldades na comunicação, contudo oferece resistência quando lhe é solicitada a realização de algum exercício, preferindo normalmente fazer pinturas no caderno ou modelagem de plasticina. Laryssa tende a não respeitar os colegas, distrai-se muito facilmente e volta-se para trás com muita frequência. Apesar dos problemas comportamentais, esta possui uma capacidade de imitação e coordenação razoável, apresentando apenas algumas dificuldades na compreensão dos conteúdos. Para o seu futuro ambiciona a profissão de veterinária.

Maeva, uma menina pouco participativa, que nunca integra o grupo dos que manifestam vontade de fazer ou demonstrar, mas que, em sentido contrário, tudo o que faz, faz bem! É respeitadora das regras e dos colegas, não perturba a aula e executa os exercícios quando solicitados. Maeva tem uma boa capacidade de imitação e compreende com facilidade os conteúdos. No futuro gostaria de se tornar veterinária.

Marflor, uma menina reservada, pouco participativa e que facilmente se distrai. À semelhança de Anaelle apenas participa na aula quando convidada pessoalmente a fazê-lo. Apresenta uma coordenação motora insuficiente para executar os exercícios

propostos de forma satisfatória e, ao nível da aprendizagem de conteúdos, manifesta dificuldades. Para o seu futuro gostaria de se tornar veterinária.

Melânia, uma menina em tudo muito semelhante com Maeva! Também Melânia sabe estar nasala de aula e respeita os colegas, e, também ela, participa apenas quando solicitado, sendo que, apesar da pouca participação, quando lhe é pedido faz tudo muito bem. Também Melânia sonha com a profissão de veterinária.

Mizael, um menino com uma participação na aula, razoável. Sabe estar em sala de aula e respeita os colegas. Não se distrai com conversas paralelas e tenta executar todos os exercícios propostos. Apresenta uma fraca capacidade de imitação e memória, e uma razoável coordenação-motora. Ainda não decidiu qual a profissão para o seu futuro.

Mogli, um menino enérgico e sempre disposto a participar. Por vezes não respeita os colegas, interpelando-os durante as respostas a questões colocadas pelo professor. Facilmente se distrai com conversa paralela e com a discussão de assuntos que não dizem respeito à aula. Mogli tem uma capacidade de imitação boa e, uma coordenação-motora razoável. No que aos conteúdos diz respeito, este não demonstra dificuldades na sua compreensão. À semelhança de Gilcélio, também Mogli deseja tornar-se G.N.R.

Ramsés, um menino com noa participação, mas com uma participação pobre. Facilmente se distrai com assuntos externos à aula, abandona o seu lugar sem pedir autorização e falassem ser a sua vez. Apresenta dificuldade na compreensão de conteúdos e dificuldade na execução dos exercícios propostos. No futuro gostaria de ser veterinário e pecuarista.

Tércio, um menino muito participativo e que demonstra muita curiosidade sobre todos os assuntos relacionados com os conteúdos da disciplina de educação musical. Respeita os colegas e as regras da sala de aula. Demonstra uma boa capacidade de imitação e uma boa coordenação-motora. Tércio ainda não decidiu qual será a sua profissão no futuro.

E, por fim, apresento o Vitório, um menino reservado e pouco participativo. Manifesta desinteresse pela disciplina, distraíndo-se facilmente e com frequência. Vitório nunca manifesta vontade de participar e apenas realiza os exercícios que lhe são solicitados quando convidado a tal. Ao nível da coordenação-motora, capacidade de compreensão e capacidade de imitação, Vitório apresenta capacidades reduzidas. Para o futuro deseja a profissão de G.N.R.

Capítulo III

Desenvolvimento e avaliação da aprendizagem profissional

Do imaginário à realidade

Olhos brilhantes, irrequietos, curiosos, sedentos de novidade, procurando sonhos em forma de palavras, palavras de sonho, que despertem todos os sentidos, que tragam todas as repostas, até para perguntas que os próprios desconhecem. Acompanha um sorriso nos lábios, pacientes, ávidos de conhecimento e descoberta, todo o rosto e sua expressão manifesta a vontade de aprender, mas o gesto, os atos e atitudes permitem que não se apresse, que não se precipite, não se torne fugaz, simples ou leviano o momento, a experiência, o processo.

Pequenos corpos a ressoar em uníssono, em perfeita sintonia e equilíbrio, onde cada elemento da turma complementa, sem atropelo, as frases do outro, partilham as dúvidas, partilham as ideias, conclusões, o fascínio por cada conhecimento novo, tal como pioneiros, exploradores, em busca do sonho de uma vida, escutam sem interpelo, questionam com acutilância, perfeitos exploradores do intelecto, do conhecimento, da verdade...

Entram em silêncio, sem azáfama, de forma ordeira e consciente, focados na tarefa que lhes foi incumbida, aprender, partilhar conhecimento e questionar para de seguida se repetir o processo num ciclo sem fim, perpétuo. Saem da sala com a mesma graciosidade e simpatia com que entraram, agradecem e desejam que a próxima aula chegue rápido...

Podia ser, quiçá num qualquer devaneio eloquente e irracional, como todos os devaneios são, uma forma de imaginar o que seriam as aulas... devaneio! Não podia ter outra explicação.

A imaginação, que nos permite por vezes ver antes de qualquer outro, escutar o que nunca ninguém escutou, ou saborear pratos únicos, antes mesmo da sua criação, no mais íntimo de nós, na nossa mente, pode, por vezes, pregar partidas, tornando num desafio a perceção da realidade, em especial quando a imaginação é alimentada pela partilha de imaginários entre pares!

Passo a explicar, antes da prática de ensino supervisionada, vulgo estágio, a ideia sobre o funcionamento das aulas, a sua dinâmica, métodos e processos, baseava-se na experiência, já longínqua, enquanto aluno, nas conversas sobre o assunto, hipotéticas e falaciosas que apenas inferiam sobre o tema, gerando ideias deturpadas sobre o que julgava ser e, talvez ainda mais grave, sobre o que julgava que deveriam ser...

A experiência trouxe a realidade, nua, crua, a início difícil de entender, depois, difícil de aceitar, para depois compreender e respeitar como é, tal como deve ser.

Eis o que observei, os alunos, enquanto crianças que são, possuem uma energia e vivacidade que exala por todos os poros do seu ser, a entrada na sala de aula, enquanto momento de ligação entre o intervalo, recreio, e a aula, é uma verdadeira avalanche de vozes e estados anímicos distintos, os alunos apressam-se a dizer, fazer, ver, sentir, tudo aquilo que gostariam de ter feito no intervalo, na verdade talvez gostassem de eternizar o recreio mas, na perfeita consciência de que tal não é possível expõem tudo, tudo o que faltou fazer, em poucos segundos antes do professor se acomodar e dar início à aula. Refreados os ânimos, é ténue a linha que separa a concentração da brincadeira, constantes flutuações no humor de cada um em função do que vêem, escutam, dizem, fazem ou imaginam, multiplicado pelo número de alunos em sala, tornam difícil a simples missão de partilhar conhecimento, experiência ou informação. A turma era um grupo, unido, cujos elementos estão juntos todos os dias, ao longo de todo o dia, invariavelmente, na sala de aula e no recreio, esse grupo tem uma dinâmica muito própria, uma hierarquia instituída, líderes e seguidores, com tal importância que muitas vezes as suas palavras são mais audíveis que as de qualquer professor, para o bem e para o mal. Assim, a turma estava sempre muito atenta ao que o grupo, e em especial aqueles com melhor reconhecimento no grupo dizem, desviando todas as atenções com grande facilidade, causando distração, burburijo e divagação, difícil de retomar a aula sem que o fio de raciocínio se quebre, difícil de chamar para o professor a atenção.

Ou então, acontece que depois de refreados os ânimos, a turma se torne inativa, impávida e não cooperante, esperando apenas que alguns elementos produzam piadas que testem os limites da aula e da tolerância do professor, carentes de estímulo, desafio ou meta para alcançar, onde o plano de aula acaba por ser adaptado e conduzido para poucos, sendo necessários grandes estímulos, que criem a vontade de participar com o sacrifício do volume de informação.

Mas, afinal, é assim tão diferente, a realidade quando comparada com o meu imaginário!?

Sim, a resposta é, sim!

Não que imaginasse as aulas daquela forma utópica ou, talvez mais acertado dizer, distópica, não, no entanto imaginava, e talvez seja o imaginário mais comum, que os alunos teriam uma participação pró-ativa sem interpelo, que fosse relativamente fácil partilhar a minha paixão pela matéria, o meu gosto e interesse por música e todo o

universo musical, não ponderava no meu imaginário que os alunos trouxessem o seu mundo e pequenas prequelas, próprias da idade, para a sala de aula. Não imaginei, nunca, que teria de resolver em sala de aula pequenas questões como a divisão do espaço da mesa, arbitrar sobre quem disse o quê e a importância do que foi dito, explicar a importância da verdade, ou o peso que uma mentira pode ter.

Todos os pequenos momentos que ocorrem na aula, relacionados, ou não, com o programa definido, fazem parte do processo de ensino e aprendizagem, algo que hoje compreendo, aceito, respeito e considero vital para o normal decorrer do processo, foi, confesso, uma das aprendizagens mais significativas que pude retirar da minha experiência. O professor pode encarar o normal funcionamento da turma, seja esta muito ativa ou, como também encontrei, resistente ao ensino, de duas formas, com desmesurada preocupação, frustração por ver boicotadas as suas estratégias e métodos ou, como acredito ser a melhor forma, com o espírito aberto, aproveitando o que os alunos nos dão, encaminhando o discurso para o propósito do professor, adaptando e improvisando, tentando manter um fio condutor que prenda todos os alunos, captando o interesse dos líderes do grupo pois estes regulam os eventos que ocorrem na sala de aula.

Em tempos acreditei que o professor podia impor o seu estado de espírito, anímico sobre os alunos; que o professor conseguia impedir que os alunos falassem abertamente sobre os seus pensamentos quando estes não iam ao encontro dos seus interesses. Acreditei, portanto, que o professor conseguia controlar a forma de ser, estar e pensar dos alunos. Pior que isso... em tempos acreditei que essa imposição, tal como ditadura letiva, seria a forma correta de gerir o processo de ensino e aprendizagem, que essa seria o formato adequado de criar um ambiente propício à aprendizagem, despindo os alunos de si mesmos e de tudo aquilo que os define e caracteriza enquanto crianças, tornando-as em pequenos adultos formatados, conformados com a realidade que chega pelas palavras de um adulto a quem chamam de professor, o mesmo que deveria promover a descoberta, descoberta do mundo, de si mesmo, do que conhecemos e do que ansiamos conhecer.

Assim, em jeito de conclusão, não podemos falar de ensino e aprendizagem se reduzirmos o mesmo a um monólogo ensaiado, formatado e preconcebido onde a realidade dos alunos não tem lugar e onde não há partilha de ideias, conhecimentos e experiências. Por essa razão, a realidade da escola, que um dia me chocou, é saudável, enriquecedora e desafiante!

Estratégias e métodos

Importa, antes de mais, referir e salientar que a prática supervisionada ocorreu, ainda, durante a pandemia que assolou o planeta e condicionou as nossas ações entre o final de 2019 e início de 2022, como tal, também as estratégias e métodos adotados tiveram de ser adaptados/ ajustados às condicionantes existentes. Por um lado, obrigou os professores a uma reinvenção e recriação; por outro obrigou a uma comunicação especialmente efetiva e inteligente, isto porque não podia existir contacto físico entre alunos e professores, os rostos estavam parcialmente cobertos com máscaras cirúrgicas (ou de uso diário), que não podiam ser removidas, era expressamente proibido utilizar flauta de bisel (ou qualquer outra), assim como era proibido partilhar outros instrumentos, tais como as variadas percussões que vulgarmente chamamos de “instrumental Orff”. Ora, rápido se percebe que, com tantas condicionantes, quando pensamos em ensino de educação musical, disciplina que tanto assenta na prática, vivência e experimentação, torna-se difícil planear, aplicar e conseguir desenvolver as competências desejadas.

Posto isto, passo a explicar de que forma procurei e tentei superar as condicionantes, quais as estratégias traçadas e metodologias aplicadas.

Em anexo (Anexo 1) podemos encontrar a tabela 1 (Planificações Anual das Aulas), nela podemos observar a planificação anual para a disciplina de educação musical. Esta já se encontrava criada pela professora cooperante e, como tal, tinha de ser tomada em consideração para a elaboração das planificações de aula.

Ao observarmos a mesma, percebemos que a mesma mescla os domínios, aprendizagens essenciais e ações estratégicas de ensino que encontramos no documento “Aprendizagens essenciais para a Educação Musical” com o programa de Educação Musical, assim procura ir ao encontro de outro documento orientador, o “Perfil dos alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória”. Previram-se um total de 64 a 68 aulas divididas em 3 períodos escolares, aos quais correspondiam 24 a 28 aulas no primeiro, 26 no segundo e 14 no terceiro.

Sempre considerando a tabela supracitada foram definidas as estratégias e metodologias a utilizar, sendo que se teve em consideração os princípios fundamentais defendidos por Maurice Martenot (1898/1980), metodologias de Edwin Gordon (1927/2015) e Zoltan Kodály (1882/1967), procurando, mais que expor informação, desenvolver competências motoras, de coordenação, capacidade de audição, alargar os horizontes musicais dos alunos e criar o gosto musical.

Na tabela 2 (Conceitos, Conteúdos, Atividades e Recursos utilizados nas aulas) que podemos encontrar nos anexos (Anexo 2), estão expostos os conceitos, conteúdos e atividades planeadas para cada uma das aulas, bem como os recursos utilizados, desta podemos retirar um espectro daquilo que foram as aulas e a forma como foram trabalhadas.

Passo a apresentar, com pormenor, algumas planificações de aula que exemplificam a metodologia utilizada, bem como a forma como esta converge para as ideias e pedagogias defendidas por cada um dos pedagogos citado.

Na planificação n.º 12, que diz respeito às aulas n.º 43 e 44, isto porque cada aula estava dividida em duas aulas de 50 minutos, o conceito a trabalhar era o ritmo, e o conteúdo tratava o compasso ternário. Anteriormente já havíamos trabalhado o compasso binário, pelo que os alunos já estavam familiarizados com o termo “compasso”, assim, a aula teve início com uma breve explicação oral feita por mim, na qual relatei o conhecimento já adquirido com o conteúdo a trabalhar. Rapidamente foram estabelecidas relações entre o compasso binário e o ternário. Essa forma de relacionar e compreender o propósito do compasso, bem como a sua importância, mostrou-se efetiva quando, mais adiante, trabalhamos o compasso quaternário, isto porque a compreensão foi imediata e quase instintiva.

Criado o interesse pelo tema a trabalhar foi pedido aos alunos que preenchessem alguns compassos de divisão ternária que o professor escreveu no quadro, exercício simples onde apenas foram utilizadas mínimas, semínimas e colcheias. Os alunos, cada um de sua vez, puderam utilizar qualquer uma das anteriores de forma livre sugerindo cada um deles uma figura, claro está que dentro de cada compasso não podia ser excedido o limite de 3 tempos. Também foram compreendendo que se tratava de um exercício matemático e trataram de assimilar a duração de cada figura de forma a conseguirem cumprir a tarefa. No final do exercício os alunos foram desafiados a ler o ritmo por eles criado. Entre alguns mais tímidos e outros que manifestavam alguma dificuldade, surgiu um pequeno grupo que se desafiava, que vinha junto do quadro mostrar como se fazia e procurava “ler” melhor que o anterior, sempre mantendo a pulsação ternária. Por essa altura, alterei a posição das barras de compasso, criando compassos de divisão binária, e solicitei aos alunos que tinham demonstrado maior capacidade a resolver o desafio anterior que o repetissem, desta feita seguindo uma pulsação binária, levando à experimentação de uma sensação rítmica totalmente diferente da anterior, mesmo que as

figuras não tenham sido alteradas. Desta forma procurei que, mais que trautear ritmo arbitrário, experimentassem a capacidade transformadora que o compasso pode apresentar e a forma como essa transformação é sentida por cada pessoa, tal como defendia Martenot, o resultado sonoro tem de ser ouvido e sentido internamente.

Seguiu-se um jogo intitulado “penhores musicais” (100 jogos musicais), que apresentava regras muito simples e, por se tratar de uma atividade lúdica, foi muito bem recebido pelos alunos e com facilidade os prendeu à tarefa. As regras eram as seguintes: 1) recolhi de cada aluno um objeto pessoal e inconfundível; 2) informei que os objetos se encontravam penhorados e que, para os reaverem, teriam de percutir um ritmo, de entre 20, que se encontravam projetados na tela; 3) por escolha dos alunos fariam o exercício/ritmo escolhido; 4) tinha que haver a colaboração de um assistente, que tinha como tarefa a de retirar do interior da mochila onde se encontravam os objetos, um objeto aleatório; 5) depois iniciava uma contagem silenciosa de 1 a 20 e, o proprietário do objeto, tinha que mandar parar, por fim o aluno tinha que ler o ritmo correspondente ao número que lhe calhou em sorte e, se o fizesse de forma correta, reavê-lo-ia, caso contrário o objeto voltava a ser penhorado e o jogo prosseguia. O exercício repetiu-se até que todos os alunos conseguissem reaver os seus pertences.

Mas porquê utilizar um jogo? Jogo que acrescenta regras a um exercício que podia ser realizado por indicação do professor, sem precisar de explicações ou “perder tempo” a preparar o mesmo! Pois bem, a resposta é-nos dada por Maurice Martenot, no seu livro “Principes Fondamentaux de Formation Musicale et leur Application” (2017) onde este refere que “é na brincadeira que as crianças se exprimem completamente, física, intelectual e animicamente, num clima de alegria e confiança que abre todas as possibilidades de criação” (2017, p.16). Com efeito, a diferença entre um exercício imposto e uma brincadeira (jogo) é abismal! Os alunos manifestam uma imediata predisposição para a realização da tarefa, concentram-se e elevam-se tentando superar o colega, tentando suplantar as suas dificuldades.

A aula prosseguiu com o ensaio do tema “Acordai” de Fernando Lopes Graça (letra de José Gomes Ferreira, 1961) como forma de preparação da participação dos alunos nas comemorações do Dia da Liberdade. Mais que apresentar a letra, a música, cantar em pequenos grupos, escutar a voz do colega, soletrar corretamente as palavras, ou qualquer um dos aspetos musicais que um ensaio normalmente trabalha, utilizando a prática e experiência pessoal como expoente do desenvolvimento, o ensaio teve uma componente de compreensão e entendimento das palavras, da mensagem e da sua

importância, da coragem necessária para o fazer e quais as implicações do simples cantar de um tema como aquele no período a que se destinou. Educar para a arte, educar para a cidadania. Os alunos compreenderam a dimensão da obra e, aquela canção que haviam apelidado de feia após a primeira audição é, ainda hoje, identificada como uma das suas favoritas! As palavras ganharam valor, as dinâmicas tornaram importante a mensagem, e a velocidade que se precipita para o final traduz a crença e convicção que ano após anos adultos repetem... acordai. Foi assim, incrível, perceber que mais uma vez Martenot estava certo quando afirmou que “o músico precisa ter uma recetividade instintiva e perceptiva do discurso musical” (2017, p.15), isto é, o músico tem de compreender a dimensão da música e desejar, neste caso, cantá-la, interpretá-la de forma integrada.

Como em todas as aulas, os últimos minutos eram reservados à audição de um tema musical. O escolhido para a aula, agora exposta, foi o tema “Carol of the bells” interpretado pelo grupo coral “Libera”. A escolha recaiu sobre este tema devido à sua divisão ternária, o que faz com que se relacione com o conteúdo abordado, e também por se tratar de uma interpretação coral, relacionando-se assim com a segunda parte da aula, para além disso o grupo “Libera” é constituído por crianças, o que prendeu a atenção dos alunos ao observarem crianças com idades similares a cantar de forma tão virtuosa.

A aula terminou com uma reflexão conjunta sobre os assuntos abordados na sala de aula. Os alunos manifestaram uma compreensão notável sobre o compasso ternário, a sua construção e sensação ímpar implícita. Manifestaram admiração pelo tema ensaiado e desejo de repetir. Por último, foi unânime que nenhum dos alunos conhecia o tema “Carol of the bells”, pelo menos até ao momento em que os informei que provavelmente já o haviam escutado no primeiro filme da saga “sozinho em casa”, soltaram sorrisos e afirmaram, alguns, que afinal talvez conhecessem o tema. Unânime foi também a admiração pelo grupo coral.

Olhando para a planificação de aula n.º 3 podemos observar uma diferente abordagem, mais focada na improvisação e imitação, e, também, na criação sonora com recurso ao solfejo mímico desenvolvido por Zoltan Kodaly (manossolfa)

O conceito a trabalhar foi o ritmo, mais concretamente o ponto de aumentação.

Ao contrário do que era habitual, uma contextualização do conteúdo a trabalhar, algo que sempre antecedia a exposição da matéria, onde os alunos tomavam consciência daquilo que já conheciam ou haviam ouvido falar sobre o tema e, em sentido contrário, o professor tomava conhecimento de quão desconhecido, ou familiar, era o assunto, esta aula teve início com um breve diálogo sobre as férias de Natal que haviam terminado,

depois, foram propostas duas atividades distintas, a audição e sequente imitação e improvisação.

Teve início a aula da seguinte forma, após o já referido breve diálogo que tinha como propósito criar ligação aos alunos depois de algum tempo de ausência, o professor pediu aos alunos que imitassem gestos com ambos os membros superiores de forma separada e, depois, que imitassem percussões corporais que exigiam a combinação de gestos com ambos os membros. É, por último, pedido aos alunos que improvisem ritmos com recurso a percussões corporais.

Findada essa tarefa foi tempo de recordar as quatro figuras simples de maior duração que usualmente são utilizadas na notação atual, a semibreve, a mínima, a semínima e a colcheia, bem como a sua duração ou, melhor dizendo, a sua relação entre elas. Depois, o professor solicitou aos alunos que entoassem a uma determinada nota na duração de uma semibreve ao mesmo tempo que apresentava um gesto aos alunos, tratava-se de um punho cerrado voltado para baixo e na direção do chão criando uma diagonal em relação ao mesmo... sem explicações, alterou o gesto e a nota que estava a entoar, os alunos, como era desejável, imitaram o novo som sempre mantendo a duração da figura proposta. O exercício repetiu-se por diversas vezes recorrendo a figuras rítmicas diferentes e notas diferentes. Foram criados dois grupos e o exercício passou a desenvolver-se com recurso a figuras e notas diferentes em ambos os grupos criando assim um efeito polifónico que fascinou os alunos e motivou a vontade de querer continuar.

Uma vez experimentadas várias combinações de sons e durações foi pedido aos alunos que criassem grupos de dois elementos para improvisar ritmicamente sobre as notas que o professor representava mimicamente, isto é, foi repetido o exercício anterior, mas, desta vez, não existiu imposição sobre a duração dos sons, permitindo aos alunos que moldassem o ritmo à sua vontade, enquanto isso o professor manteve consistentes os intervalos de terceira, quarta e quinta.

Estavam agora preparados para compreender o que haviam feito. O professor explicou a forma como funcionava o solfejo manossolfa de Kodaly, de forma simples e sem pesados termos técnicos que pudessem retirar a vontade de aprender aos mais céticos, e a forma como aquelas figuras trabalhadas se encaixavam de forma perfeita na proporção de dois para um, quatro para um e oito para um.

Era agora tempo de apresentar o símbolo que quebra essa relação de proporção e que, em simultâneo, cria possibilidades rítmicas, o ponto de aumentação. Após a

explicação foi feita uma demonstração em forma de exercício. A turma foi dividida em dois grupos e foi pedido a ambos que percutissem com o lápis na mesa uma determinada pulsação, de seguida o professor pediu a um dos grupos que parasse de percutir e o imitasse num novo pulso, tratava-se de uma semínima com ponto de aumentação, o que fazia que estes dois grupos se encontrassem a cada três batidas daquele que pulsava uma semínima simples, de seguida os grupos trocaram de função.

Para melhor compreender o professor fez de seguida, enquanto explicava uma vez mais as possibilidades que estas pequenas alterações nas figuras permitiam, uma demonstração visual do que acontecia ao ritmo e à pulsação recorrendo ao “Chrome Music Lab”, uma aplicação digital que permite construir partituras com recurso à apresentação gráfica das figuras subdivididas até à duração de semicolcheia.

Compreendido o conteúdo foi tempo de nova experimentação com recurso à improvisação por parte dos alunos, desta feita com total liberdade rítmica, sendo possível utilizar qualquer uma das figuras trabalhadas, fosse no estado simples ou aumentado.

O término da aula deu-se com a audição de um tema distinto, daquilo que habitualmente escutam, em género e estilo, com o objetivo de enriquecerem a sua cultura musical. Tratava-se do tema “The sound of silence” na versão coral apresentada pelo grupo “Pentatonix”.

Apesar de apenas exemplificativas, estas duas aulas, a sua narrativa reflete o que considero ser importante na preparação da aula e no processo de ensino e aprendizagem. Assim, em todas as planificações estão presentes as estratégias e métodos que assentam na ideologia e pensamento dos referidos pedagogos que, inevitavelmente, são tocados por outros pedagogos, quase de forma consensual, percebendo assim que, será indiscutível o valor dessas ideias. E que ideias!? As de que a aprendizagem resulta mais fácil, rápida e efetiva se feita com base na prática, na experimentação e vivência, a de que o som, o movimento e gesto surgem primeiro na mente do aluno, a ideia de que o conhecimento não surge da explicação, mas sim que esta traduz o próprio conhecimento atribuindo-lhe um sentido verbal e explicável, indissociável, sem dúvida, mas que deve ser apresentado nesta ordem e não outra. Por último, a educação pela arte e não para a arte, com foco nas aprendizagens intangíveis e imponderáveis em detrimento daquilo que é mesurável, quantificável, tangível... foram essas as premissas que guiaram o meu pensamento durante a preparação das aulas e a sua execução.

Reflexão sobre o comportamento

Por si só, a definição de comportamento já nos indica que o comportamento dos alunos é passível de variação resultante de diversos fatores, sejam eles intrínsecos ou extrínsecos, e que varia também de acordo com a situação ou momento em que os alunos são expostos a estes fatores! Já anteriormente havia constatado que, o comportamento e forma de estar na sala de aula e, também, no envolvimento e participação nos diferentes momentos da aula, estão profundamente ligados com a realidade, cotidiano e vivências individuais de cada um dos alunos, como tal toda e qualquer ilação que venha a ser apresentada no presente texto será, sempre, resultante da reflexão sobre os dados adquiridos e conhecidos.

O comportamento global das duas turmas é distinto. Se, numa das turmas surge um vislumbre de balburdia esporádica, este é resultante de excessivo entusiasmo e apelo à participação. Já na outra turma, pelo contrário, resulta de insistentes atos jocosos entre alunos, balbucio e exaltação! Assim escrito fica a sensação de que uma das turmas é fantástica e a outra... não! Mas na prática não é essa a percepção de quem vive o momento “in loco”, na sala de aula. De facto, considero igualmente inoportuna a deriva comportamental, independentemente da sua razão ou origem porque, em rigor da verdade, ambas resultam no mesmo, ambas quebram linhas de pensamento, fluxo de trabalho, dinâmica de grupo e interrompe o processo de ensino e aprendizagem, logo, a primeira ilação é de que ambas as turmas têm um comportamento distinto, mas que resulta em semelhante perturbação e interferência no processo de aula.

Podemos afirmar, depois do exposto anterior, que embora o comportamento dos alunos possa resultar da conjugação de diversos e variados fatores, o desfecho pode ser semelhante. Será sobre esta premissa que recairá o meu pensamento, isto é, ao invés de focar a atenção nas múltiplas possibilidades e combinações de fatores individuais e coletivos que levam àquele comportamento naquele determinado momento, porei o foco no comportamento global em função da situação específica e, tentarei concluir (inferindo) sobre os motivos, transformações resultantes na dinâmica da aula e do seu objetivo, soluções encontradas e soluções possíveis e, ainda, qual a preeminência do professor nestes momentos.

Momento inicial da aula: ambas as turmas têm em comum a moda de idades dos alunos que as compõem, a inocência da mesma, a energia e irrequietude que caracteriza as crianças (na generalidade) e, a boa disposição com que encaram as aulas de educação

musical, como tal ambas as turmas entram na sala de aula da mesma forma, prolongando o intervalo e recreio, com risos, conversa, movimento livre pela sala e último olhar no ecrã do telemóvel. O momento desvanece naturalmente, sem recurso a imposição ou discurso mandatório por parte do professor. Normalmente este comportamento é substituído por aquele que, como anteriormente referi, se idealiza num ambiente de ensino aprendizagem, calma, silêncio e concentração, bastando para isso escrever o sumário no quadro. De forma espontânea, quicá por empatia com o trabalho do professor, os alunos iniciam a sua primeira tarefa da aula. Este primeiro momento é, para mim, muito importante uma vez que se trata do primeiro indicador do estado de espírito da turma, da sua motivação e predisposição para o que se segue, qual o tema do momento (muitas das conversas referem-se a eventos, pessoas, locais, etc...) e se o podemos utilizar ao longo da aula. Por oposição, no meio da usual exaltação torna-se mais fácil identificar aqueles que não partilham do mesmo estado de espírito e, alerta o professor para um conjunto de sinais que possam indicar problemas e qual a sua magnitude.

O segundo momento da aula é, normalmente, a explicação do sumário, quando se torna necessário construir previamente um referencial de conhecimento que suporte o conceito e conteúdo a trabalhar, ou, o início de exercícios que promovam as competências almejadas antes de as apresentar, logo, estas estarão descontextualizadas e envoltas em dúvida e mistério.

Neste segundo momento, surge a primeira diferença comportamental entre as duas turmas. Se o conceito a trabalhar for primeiramente explicado aos alunos por meio de conceitos, contextualização ou explicação gráfica, então, a turma que peca por excesso de participação mantém-se em silêncio, atenta à explicação e, a menos que seja solicitada a sua participação, permanece o silêncio. Por sua vez a turma que manifesta menor interesse neste tipo de apresentação de conhecimento tende a distrair-se, criar conversa paralela e até tentar criar graçolas com algumas das palavras que o professor profere.

Contudo, quando o método utilizado passa pela realização de exercícios sem explicação prévia, o controlo comportamental inverte-se no que às duas turmas diz respeito, isto é, a turma que peca por excesso de participação tende a gerar mais ruído e a perturbar os exercícios muito mais que a outra turma. Por sua vez a turma que mais facilmente se distrai aquando de explicações orais apresenta uma melhor participação em exercícios práticos, não desassossegando o seu desenvolvimento.

Como é visível na descrição, as duas turmas requerem um método de ensino e aprendizagem diferente, se com uma turma a exposição teórica funciona muito bem, com

a outra o método que gera melhores resultados passa pela prática e experimentação. Não significa que uma não aprenda pela prática, ou que a outra não aprenda pela oralidade, não! Significa apenas que, ao nível do controlo comportamental, o que funciona melhor com uma turma não é o mesmo que funciona com outra.

Quanto ao comportamento global posso afirmar que é razoável, (“como se pudéssemos quantificar a qualidade!”) não existem situações de indisciplina grave ou falta de respeito para com o professor ou colegas. As aulas são interrompidas algumas vezes e, como já havia dito, as linhas de pensamento são quebradas, mas rapidamente se regressa ao ponto de equilíbrio necessário.

Como nota final a esta breve reflexão sobre o comportamento, impele-me o pensamento a considerar que se trata, talvez, do maior obstáculo ao trabalho do professor e, contudo, um mal necessário! Um mal quando obriga o professor a interromper a aula para procurar da parte dos alunos o comportamento que considera desejável. Necessário porque reflete o ser humano e todas as suas dimensões, tornando as aulas muito mais que uma exposição de conhecimento monológica, a preto e branco, despidas de emoção e partilha... O comportamento, enquanto manifestação holística, é fundamental ao processo de ensino e aprendizagem, tal como o ruído produzido por uma plateia durante um concerto completa a experiência vivenciada, assim o provou Jonh Cage com a sua obra “4’32’”.

Capítulo IV

Reflexão sobre as competências profissionais

O que aprendi? O que já sabia? De que forma a prática transformou a teoria?

Estas e muitas outras questões podem ser colocadas neste momento, será que podemos afirmar que o professor, pelo seu conhecimento teórico, está preparado para o ensino, ou, estará preparado para iniciar a sua aprendizagem enquanto professor!? Relato a minha experiência e aquilo que considero ser válido para mim, de acordo com as minhas vivências enquanto aluno, professor e pessoa.

Foi com agradável surpresa que a minha conceção sobre o processo de ensino e aprendizagem se foi moldando, transformando e evoluindo, aprender a respeitar a individualidade, a diferença e semelhança entre os pares, aprender que não existe um caminho certo, mas sim vários que nos podem conduzir ao objetivo e, que afinal de contas, nem sempre devemos seguir o mesmo. Perceber que os desafios em sala de aula podem ser tão diversos e variados que se tornam contrastantes entre turmas e até mesmo dentro da mesma, entre alunos. Perceber que as competências são, para mim e neste momento, muito mais importantes que o conhecimento, acredito que a competência leva à construção do conhecimento, mas o contrário pode não acontecer. Acreditar na importância do ensino de educação musical enquanto fundação e motor para uma vida plena, capaz de construir seres humanos melhores, mais capazes, mais despertos, atentos, com melhor concentração, intelectualmente mais capazes, mais organizados no seu método de trabalho, ligados em toda a plenitude do ser, física, anímica e intelectualmente, pessoas capazes de criar, construir e conhecer sem nunca esquecerem a importância do ser e da humanidade que os liga.

É por isso uma tarefa complexa, a de ensinar arte pela arte com o foco no desenvolvimento de competências, exige um constante superar de barreiras, pessoais, sociais, culturais, educacionais, de forma a conseguir chegar a todos e da melhor forma possível! Quando o aluno admite não reconhecer música étnica e assume não gostar por não estar familiarizado com as sonoridades então, temos uma barreira social a derrubar, não porque seja obrigatório que todos gostem, mas porque é essencial para a sociedade que todos aceitem a diferença apesar de não gostarem. Quando o aluno recusa improvisar diante dos colegas, é a barreira da autoconfiança que se ergue e que importa derrubar para a construção de um ser humano ousado, que se desafia sem medo de errar, sem receio do

pensamento alheio, mas com confiança naquilo que pode alcançar tentando, errando, repetindo e melhorando! Sempre que o aluno apresenta dificuldade na imitação rítmica, é a sua mente que não se conecta eficientemente com o corpo, e que melhor forma de derrubar essa barreira que praticando jogos de imitação!? Comportamentos desviantes na sala de aula, tantas vezes resultado de vivências pessoais indesejadas podem, ou melhor diria, devem ser percebidos, compreendidos e corrigidos pelo professor.

Já anteriormente referi que a minha visão sobre o ensino se transformou de sobremaneira ao longo da prática letiva, deixando de parte qualquer estereótipo e aceitando a realidade que encontrei, talvez noutros estabelecimentos de ensino, noutras turmas, noutros anos letivos, a realidade possa ser diferente, mas acredito que esta não estará desajustada da generalidade, assim posso dizer que aprendi, desde logo, que nada sabia sobre o ensino! Conhecimento científico nunca foi problema, conhecimento pedagógico possuía algum, pelo menos na teoria, contudo a ligação entre estes conhecimentos e a realidade tornou-se um verdadeiro desafio, que foi sendo superado aula após aula sem que no final possa apresentar uma “fórmula mágica”, não, bem pelo contrário, a ideia que fica é bem diferente. Para mim, o processo de ensino e aprendizagem será sempre um constante desafio que exige do professor a evolução e reinvenção constantes, compreender o mundo e o mundo de cada um em particular, alicerçado na inabalável crença sobre a sua importância para o desenvolvimento de pessoas melhores, fundamentando as suas ações com as pedagogias desenvolvidas e acreditadas pelo mesmo mas sempre ajustando, transformando e construindo novos caminhos para conseguir alcançar o seu objetivo, isto é, para desenvolver competências e com elas seres humanos plenos, plenos de capacidades, consciência e empatia.

Acredito por isso que não estava preparado para ensinar, mas sim preparado para começar a aprender a ensinar e, por consequente, a minha reflexão pode ser parca de experiência, mas é repleta de crença! Talvez, num futuro não muito distante, este texto não faça total sentido para mim, ou talvez se torne idealista enquanto eu me conformo com o alcançado, mas neste momento esta é a conclusão que sinto ser verdadeira, a de que cinco anos de aprendizagem de conhecimento científico ao nível do ensino superior somados a vinte e quatro anos de prática e experiência musical, e ainda catorze anos de experiência enquanto professor num contexto totalmente diferente apenas me prepararam para iniciar esta aprendizagem que transcende o ensino e aprendizagem, exige que consigamos comunicar com a pessoa no seu estado mais puro depois de a compreender e

aceitar, exige que sejamos muito mais que alguém que se limita a dizer em voz alta conceitos e definições.

Concluo esta reflexão dizendo que mais importante que a pequena, mas importante, experiência profissional que resultou da prática letiva foi a consciencialização de toda esta realidade, exigência e desafio que a prática do ensino traz consigo.

Referências bibliográficas

- Carlos, J., & Ferreira, F. (2003). *Reflexões sobre o ser professor: A construção de um professor intelectual*. <http://bocc.ubi.pt/pag/felz-jorge-reflexoes-sobre-ser-professor.html>
- Hentschke, L., Azevedo, M. C. de C. C. de, & Araújo, R. C. de. (2014). *Os saberes docentes na formação do professor: Perspectivas teóricas para a educação musical*. REVISTA DA ABEM, 14(15), Article 15.
<http://abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/301>
- Iza, D. F. V., Benites, L. C., Neto, L. S., Cyrino, M., Ananias, E. V., Arnosti, R. P., & Neto, S. de S. (2014). *Identidade docente: As várias faces da constituição do ser professor*. Revista Eletrônica de Educação, 8(2), 273–292.
<https://doi.org/10.14244/19827199978>
- Líbano, R. (2012). *Prática de Ensino Supervisionada de Ensino da Educação Musical no Ensino Básico*. [Relatório de Estágio de Mestrado, Escola Superior de Educação de Bragança – IPB]. Biblioteca Digital IPB. <http://hdl.handle.net/10198/7660>.
- Martenot, M (2017). *Principes Fondamentaux de Formation Musicale et leur Application*. Ed. Les éditions de l'île bleue
- Mateiro.T & Ilari.B (2012). *Pedagogias em Educação Musical*. Ed. Intersaberes
- Ministério da Educação. (1986). *Educação Musical – Programa de Educação Musical do Ensino Básico do 2.º Ciclo: vol. I*.
- Ministério da Educação. (2018). *Aprendizagens Essenciais, Articulação com o Perfil dos Alunos*

Ministério da Educação. *Organização Curricular e Programas – 1.º ciclo do Ensino Básico*. (4.º Edição).

Mota, G. (2014). *A educação musical em Portugal – uma história plena de contradições*. *Debates*, 13, 41-50.

Nóvoa, A. (2009). *Educação 2021: para uma história do futuro*. Universidade de Lisboa. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/670>.

Perrenoud, P. (2001). *Reflexões sobre o ser professor: A construção de um professor intelectual*. (sem data). Obtido 21 de junho de 2022, de <http://bocc.ubi.pt/pag/felz-jorge-reflexoes-sobre-ser-professor.html>

Ravitch, D. (2013). *Reign of Error: The Hoax of the Privatization Movement and the Danger to America's Public Schools*. Alfred A. Knopf.

Reigado, J. (2018). *Novos referenciais curriculares e implicações na Educação Musical*. *Revista Portuguesa de Educação Musical*. (144), 12-22.

Roldão, M. C. (2000). *Currículo e Gestão das Aprendizagens: as Palavras e as Práticas*. CIFOP. Aveiro: Universidade de Aveiro, pp. 1-26.

Webgrafia

<https://www.pordata.pt/portugal/diplomados+nos+cursos+de+formacao+de+professores-3706>

<https://www.pordata.pt/portugal/docentes+em+exercicio+nos+ensinos+pre+escolar++basico+e+secundario+publico+total+e+por+nivel+de+ensino-241>

Anexos

Tabela 1: Planificações Anual das Aulas

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Ações Estratégicas de Ensino	Conteúdos	N.º de aulas previstas
Experimentação e Criação	<p>Improvisar peças musicais, combinando e manipulando vários elementos da música (timbre, altura, dinâmica, ritmo, forma, texturas), utilizando múltiplos recursos (fontes sonoras convencionais e não convencionais, imagens, esculturas, textos, vídeos, gravações, etc.) e com técnicas e tecnologias gradualmente mais complexas. Compor peças musicais com diversos propósitos, combinando e manipulando vários elementos da música (altura, dinâmica, ritmo, forma, timbres e texturas), utilizando recursos diversos (voz, corpo, objetos sonoros, instrumentos musicais, tecnologias e software). Mobilizar aprendizagens de diferentes áreas do conhecimento para a construção do seu referencial criativo.</p>	<p>Promover estratégias que envolvam:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A organização de atividades artístico musicais onde se possam revelar conhecimentos, capacidades e atitudes; - Experiências sonoras e musicais que estimulem apreciação e fruição de diferentes contextos culturais; - A memorização e a mobilização do conhecimento em novas situações; - A reflexão crítica sobre o que foi feito justificando os comentários. <p>Promover estratégias que envolvam por parte do aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A imaginação de soluções diversificadas para a criação de novos ambientes sonoros/musicais; - O desenvolvimento do pensamento crítico, face à qualidade da sua própria produção musical e à do meio que o rodeia; - A manifestação da sua opinião em relação aos seus trabalhos e aos dos pares; - O cruzamento de diferentes áreas do saber. <p>Promover situações que estimulem:</p>	<p>Timbre:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Meio ambiente, vocal, corporal e instrumental; - Instrumentos de percussão: Família das peles, madeiras e metais; - Instrumentos da Orquestra: Família das cordas, sopros de metal, sopros de madeira e percussão. <p>Ritmo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pulsação; - Semínima e pausa de semínima; - Mínima e pausa de mínima; - Colcheia e pausa de colcheia; - Semibreve e pausa de semibreve; - Compasso quaternário; - Compasso binário; - Compasso ternário; - Adágio, moderato e presto; - Acelerando e ritardando; - Ostinato; - Ponto de aumentação; - Anacruse; 	<p>1.º período: 24 a 28</p> <p>2.º período: 26</p> <p>3.º período: 14</p>

<p>Interpretação e Comunicação</p>	<p>Cantar, a solo e em grupo, a uma e duas vozes, repertório variado com e sem acompanhamento instrumental, evidenciando confiança e domínio básico da técnica vocal. Tocar diversos instrumentos acústicos e eletrônicos, a solo e em grupo, repertório variado, controlando o tempo, o ritmo e a dinâmica, com progressiva destreza e confiança. Interpretar, através do movimento corporal, contextos musicais contrastantes. Mobilizar sequências de movimentos corporais em contextos musicais diferenciados. Publicar, na internet, criações musicais (originais ou de outros), construindo, por exemplo, playlists, podcasts e blogs. Apresentar publicamente atividades artísticas em que se articula a música com outras áreas do conhecimento.</p>	<p>- O questionamento e experimentação de soluções variadas; - O planeamento, a organização e apresentação de tarefas; - A seleção e a organização de informação. Promover estratégias que requeiram/induzam por parte do aluno: - A interação com o professor, colegas e audiências, argumentando as suas opiniões, admitindo e aceitando as dos outros; - A inclusão da opinião dos pares para a melhoria e aprofundamento de saberes; - O entendimento e o cumprimento de instruções. Promover estratégias que envolvam por parte do aluno: - A seleção e organização de diversas fontes sonoras de acordo com a sua intenção expressiva; - A utilização de vários processos de registo de planeamento, de trabalho e de ideias. Promover estratégias que impliquem: - A consciência e progressivo domínio técnico da voz e dos instrumentos na performance musical; - A utilização dos elementos expressivos da música; - O rigor na comunicação. Promover</p>	<p>- Contratempo. Altura: - Altura definida e indefinida; - Agudo e grave; - Pauta musical; - Clave; - Notas musicais; - Escala pentatónica de Dó Maior; - Escala diatónica de Dó Maior; - Melodia e Harmonia; - Textura fina e densa. Intensidade: - Piano, mezzo-piano e forte; - Crescendo e diminuendo; - Volume sonoro: Décibel. Forma: - Elementos repetitivos e contrastantes; - Introdução; - Forma binária, forma ternária; - Interlúdio; - Rondó.</p>	
<p>Apropriação e Reflexão</p>	<p>Comparar características rítmicas, melódicas,</p>			

	<p>harmônicas, dinâmicas, formais, tímbricas e de textura em peças musicais de épocas, estilos e gêneros musicais diversificados. Utilizar, com crescente domínio, vocabulário e simbologias para documentar, descrever e comparar diversas peças musicais. Investigar diferentes tipos de interpretações escutadas e observadas em espetáculos musicais (concertos, bailados, teatros musicais, óperas e outros), ao vivo ou gravados, de diferentes tradições e épocas utilizando vocabulário apropriado. Comparar criticamente estilos e gêneros musicais, tendo em conta os enquadramentos socioculturais do passado e do presente. Relacionar a sua experiência musical com outras áreas do conhecimento, através de atividades diversificadas que integrem e potenciem a transversalidade do saber.</p>	<p>estratégias que impliquem por parte do aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A procura de soluções diversificadas como resposta a situações várias; - A indagação de diversas realidades sonoras para a construção de novos imaginários. <p>Promover estratégias que proporcionem oportunidades para o aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Colaborar constantemente com os outros e ajudar na realização de tarefas; - Apresentar soluções para a melhoria ou aprofundamento das ações; - Interagir com o professor e colegas na procura do êxito pessoal e de grupo. <p>Promover estratégias e modos de organização que impliquem por parte do aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A assunção de responsabilidades relativamente aos materiais e ao cumprimento de regras (como saber esperar a sua vez, seguir as instruções dadas, ser rigoroso no que faz); - A autoavaliação do cumprimento de tarefas e das funções que assume. <p>Promover estratégias de envolvimento em tarefas com critérios definidos, que levem o aluno a:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identificar os pontos fortes e fracos das suas 		
--	---	---	--	--

	<p>Identificar criticamente a música, enquanto modo de conhecer e dar significado ao mundo, relacionando a com o seu dia a dia, e os seus mundos pessoais e sociais.</p>	<p>aprendizagens e desempenhos individuais ou em grupo; - Descrever os procedimentos usados durante a realização de uma tarefa e/ou abordagem de um problema; - Mobilizar as opiniões e críticas dos outros como forma de reorganização do trabalho; - Apreciar criticamente as suas experiências musicais e as de outros.</p>		
--	--	---	--	--

Tabela 2: Conceitos, Conteúdos, Atividades e Recursos utilizados nas aulas

Planificação de aula n.º	Conceitos	Conteúdos	Atividades	Recursos
1	Andamento	Lento; Moderato; Presto; Accelerando; Ritardando;	Apresentação do conceito “Andamento”; Experimentação de diferentes velocidades musicais; Compreensão do accelerando; Compreensão do ritardando; Experimentação das variações de velocidade; Audição musical;	Coluna de som; Telemóvel;
2	Apresentação pública		Ensaio de canções natalícias e sua interpretação/ execução em diversos pontos da escola.	Coluna de som Bluetooth; Telemóvel;
3	Ritmo	Ponto de aumentação	Apresentação aos alunos do ponto de aumentação; Audição de exemplos musicais; Imitação e improvisação;	Computador; Projetor; Colunas;
4	Timbre	Instrumentos da orquestra	Apresentação dos instrumentos musicais que compõem uma orquestra; Audição e associação dos timbres ao respetivo instrumento; Identificação dos sons;	Computador; Projetor; Colunas;
5	Timbre	Organização tímbrica	Apresentação e explicação sobre as famílias tímbricas; Apresentação da organização tímbrica da orquestra; Exercícios de identificação da família tímbrica; Exercícios de identificação da posição do instrumento no palco; Audição de temas variados para orquestra;	Computador; Projetor; Colunas;

6	Forma	Ostinato	Apresentação do ostinato; Identificação de ostinatos; Criação de ostinatos e improviso sobre o mesmo; Descobrir um ritmo “secreto”; Interpretação do “lhaço” “tchina”; Audição do tema “4 chords song” - Axis of Awesome;	Computador; Projetor; Colunas;
7	Forma	Imitação	Apresentação do conceito de imitação; Visualização e identificação do conceito; Jogos de imitação; Audição do tema “Highland Cathedral”;	Computador; Projetor; Colunas;
8			Continuação da aula anterior;	
9	Altura	Pauta musical; Clave; Notas musicais;	Apresentação da pauta musical; Apresentação das notas musicais; Apresentação da clave de sol;	Computador; Projetor; Colunas;
10	Ritmo	Compasso	Audição de diversos temas musicais; Identificação de compassos; Interpretação de um tema musical; Audição;	Computador; Projetor; Colunas;
11	Ritmo	Compasso binário	Apresentação do compasso binário aos alunos; Identificação de gêneros musicais que recorrem ao compasso de divisão binária; Exercício de pulsação a dois tempos;	Computador; Projetor; Colunas;
12	Ritmo	Compasso ternário	Apresentação do compasso ternário; Preenchimento de compassos de divisão ternária;	Computador; Projetor; Colunas;

			Jogo “penhores musicais”; Identificação de gêneros que recorrem ao compasso de divisão ternária; Ensaio do tema “acordai” (a uma voz) de Fernando Lopes Graça; Audição do tema “Carol of the bells” - Libera;	
13	Ritmo	Compasso quaternário	Apresentação do compasso quaternário; Exercícios rítmicos; Experimentação dos instrumentos orff; Ensaio do tema “acordai” de Fernando Lopes Graça; Audição do tema “The Lion King Suite” de Hans Zimmer;	Computador; Projetor; Colunas;
14			Experimentação dos instrumentos orff; Ensaio do tema “acordai” de Fernando Lopes Graça;	Computador; Projetor; Colunas;
15			Continuação da aula anterior;	
16	Forma	Motivo; Frase;	Apresentação do conceito de forma; Exercício de identificação auditiva de diferenças que denunciem uma mudança na forma; Identificação do motivo; Identificação de frases; Construção da sequência formal sobre um tema;	Computador; Projetor; Colunas;
17	Dinâmica	Elementos dinâmicos	Audição e identificação das diferentes indicações de intensidade; Identificação na partitura das indicações escritas; Reflexão sobre as indicações escritas e o real efeito audível; Apresentação da flauta de bisel, cuidados a ter e forma de funcionamento;	Computador; Projetor; Colunas; Flauta de bisel;

18	Timbre Dinâmica	Perfil sonoro	Apresentação do perfil sonoro; Visualização do perfil sonoro; Experimentação e visualização de ondas sonoras; Reflexão; Audição;	Computador; Projetor; Colunas; Microfone; Auscultadores;
19	Altura	Escala	Perceção do conceito de escala por meio de exemplos e comparações; Apresentação de diversas escalas; Explicação sobre a formação de uma escala; Execução do tema “Frères Jacques” na flauta; Audição do tema “caracol mifasol” de Ferrer Ferran;	Computador; Projetor; Colunas; Flauta de bísel;
20	Ritmo	Anacrusa	Exposição do conteúdo; Audição de exemplos; Identificação de anacrusas em exemplos musicais; Execução na flauta do tema “cai, cai balão”;	Computador; Projetor; Colunas; Flauta de bísel;
21	Todos		Concurso musical	Computador; Projetor; Colunas;
22			Ensaio dos temas cantados ao longo do ano;	
23			Autoavaliação; Reflexão conjunta;	

